



KAOS

Jorge Mautner

(1963)

æ
azogue editorial

MAÍSA

1

E o céu estava encoberto. Nuvens voavam no céu que nem anjinhos. Mas eram anjos negros. Eram coisas tristes e escuras e cheias de amargura e lágrimas antigas em seus ventres. E na terra embaixo havia uma rua com árvores e um vento triste e tudo estava cinza. Aquela mulher olhou para o relógio e viu que eram ...horas. Não importa a hora: era de tarde. E quando escureceu choveu. A chuva caía grossa. E o vento zunia como se fossem mil violinos. E naquela rua de árvores verdes e bonitas numa das casas da rua as luzes acesas lá dentro eram amarelas e havia uma menina lá dentro. E ela estava triste com aqueles seus cabelos inocentes e lindos caídos na testa. Ela sorria de leve com um sorriso triste enquanto a chuva a chuva batia na vidraça. Eram gotas que faziam ruído que nem notas de violão: dóing dóing. E a menina tinha aquele olhar triste e no olhar existia a dor e a fé. E a amargura. Depois a chuva ficou fininha e caiu magrinha que nem o corpo de uma menina tuberculosa. Ou de uma fada magrinha o que é mais bonito. A terra é um coração que suspira e daí nasce o vento que sopra, sopra. E a menina fechou os olhos e sonhou. E então alguém gritou: — “Maisa! Maisa! Venha comer! O jantar está servido!” E a menina abriu os olhos e voltou para a realidade e foi jantar. Fazia um frio pois era inverno em São Paulo. Fazia muito frio e a umidade entrava na carne. Maisa juntou e sua mãe falou: — “Você o que tem? Quase não comeu! O que tem você filhinha? Sempre tão triste. Para onde isto vai levar... e olhos tão lindos!” E Maisa sorri para a mãe para a mãe não ficar triste como ela, Maisa era triste. E o pai jantava em silêncio. E Maisa estava triste. E pelas ruas andava um poeta. Ele ainda era criança. Este poeta era eu que estou escrevendo agora a história da Maisa. E então a mãe disse: — “As férias chegaram. Nós vamos para Campos de Jordão.” E Maisa não disse nada. Depois do jantar ela subiu para o quarto seu e lá ficou brincando com o violão. Brincava de dedilhá-lo. Fazia um frio intenso e o poeta não tinha amor em sua vida, ou melhor: tinha amor mas era amor de criança e o coração do poeta estava cheio de amor, capacidade de amar, desespero. E Maisa que já era linda e divina olhava a chuva lá fora iluminada pelas

luzes da cidade, das casas, dos postes de iluminação. E um vento insistia em musicar tudo. E quando veio a manhã Maisa que dormira ao lado do violão acordou. Não havia sol, tudo estava cinzento e a chuvinha continuava. O poeta ainda dormia: eu. E Maisa então se vestiu se banhou se preparou e uma estranha alucinação ia nos olhos dela. Seu coração queimava que nem uma chama. Maisa parecia uma fada. Ela estava linda naquele vestido branco. Parecia uma noiva. Noiva que vai casar logo com seu amor e está preparando o coração para recebê-lo. Maisa pensou no colégio de freiras no qual ia estudar e depois pensou no seu coração cheio de vida e algo indefinível a fez chorar ali, naquela hora, naquele momento. E Maisa ia passar as férias em Campos. Em Campos. Em Campos de Jordão que rima com coração. E ela com vestido de noiva desceu as escadas de sua casa, desceu-as com porte e elegância de menina bonita da sociedade. Era uma menina triste e bonita da sociedade. A sociedade era uma maldade convencional. E sua mãe estava e Maisa beijou-a na testa e a mãe sorriu para a filha triste de branco vestido tão lindo que parecia de noiva. E os olhos, ah! os olhos eram mais lindos que o vestido e eram duas gotas de chuva cristalizadas. E Maisa foi para a rua e foi para a casa de uma vizinha. A vizinha que era sua amiga era uma menina qualquer. Maisa a campainha apertou da casa da amiga e entrou. As duas se abraçaram. A amiga estava lendo uma revistinha em quadrinhos, uns desenhos coloridos de um certo pato alegre, e os desenhos eram poesia-zinha quase, o pato alegre passeava na neve e aqui em São Paulo faz frio e cai garoa atormentadora. E Maisa olhou para a revistinha e depois deixou de olhar. Maisa falou: — “Vou para Campos.” E a amiga: — “Por que você não vai para o Guarujá?” — “Agora no inverno é lindo o Guarujá eu sei.” Disse Maisa. E continuou a dizer: — “O mar é triste e cai garoa na praia e o frio nos faz vestir pulôveres e então ficamos mais lindas e tristes. Ah! Que juventude estranha!” E ficou a cismar. A amiga falou: — “Você compôs outra música?” E Maisa disse: — “Não.” E houve um maior silêncio. Eu lá em casa acordava e ia no banheiro e me lavava e urinava para fora todo aquele líquido dourado que existe em nós e que é a água do nosso corpo transformada. E me penteei porque quero ser bonito. E fui tomar café. E Maisa logo de manhã fazia visitas. E eu era criança. Eu lia alguns livros de uma vez, pedacinhos de um e de outro. Depois eu pegava meu bandolim e tocava músicas e cantava. Que gente musical! E

começava a escrever depois, quanto eu escrevia! Depois queimava tudo porque não estava bom. E eu tenho um amor. E eu fazia poesias para este amor e morria de medo de confessar o amor. Ah! Infância. A chuvinha caía e Maisa cismava. Será que ela ia para o Guarujá? Maisa pegou o telefone e discou para a casa dela. A mãe atendeu: — “Alô?” — “Aqui é a tua filhinha a Maisa. Olha mãe, eu quero ir para o Guarujá com a A..., ela vai, posso ir com ela? Você conhece a família os pais todo mundo. Estou ficando contente mãe! Um dos raros momentos da minha vida. Mas vai passar logo eu sei. Você deixa eu ir ao invés de ir para Campos? Hem?” — “Deixo filha. Quero você feliz. Eu sei que teu pai deixa. Vou falar com ele hoje à noite. Agora vou fazer compras. Você quer vir comigo e com a A...?” — “Não. Obrigado mãe. Nós preferimos ficar falando aqui. Um beijão mãe.” E desligaram. A mãe e a filha. Maisa estava alegre. Que milagre! Maisa ficava alegre raras vezes mas quando ficava a sua alegria era alegria mesmo. Era um estado de satisfação, flores, felicidade, pureza, felicidade! Mas isto logo passava, e logo passou. E Maisa olhou para a amiga novamente com olhar triste, mais triste que o olhar triste antes da alegria, da pequena explosão de felicidade. Ah! Os amargurados...

E depois houve o almoço. Maisa almoçou na casa da amiga e daí a três dias elas iriam para o Guarujá. E eu sozinho andava. Não tinha ainda como amigos nem o Aguilar nem o Arthur. E eu ficava cismando que nem a Maisa olhando a chuva. Hoje ainda fico. Maisa também hoje ainda cisma. E eu tinha uma aquarela e pintava quadros com ela. E saíam pinturas aguadas pois aquarela é com água e isto é chuva. Diluição! Ah Ventos do passado! E o frio cortava o coração. E eu estava num colégio bonito em que iam só pessoas ricas. Era um colégio de italianos e eu não era nem italiano nem rico. Eu era sambista e sozinho. E eu nunca havia sentido algo semelhante como aquilo que eu senti, quero dizer: vou explicar melhor: eu encontrei alguém. Encontrei uma pessoa que eu amei. Eu amei aquela pessoa e foi assim: naquele dia depois de tomar café fui para a rua chovia chuva fininha e eu fiquei cismando. E a rua era de árvores verdes que nem a rua da Maisa e da amiga dela. E eu vi alguém, naquele instante vi alguém por quem fiquei louco e doente e tonto e chorei de amor. E o alguém sumiu e eu desisti de amar. Tudo muito estranho mas não vale a pena falar disto. É melhor falar mais de Maisa. E só direi ainda disto que assim morreu minha infância de repente, aos quinze anos, numa ma-

nhã de chuva e começou a adolescência louca. E agora há pouco tempo morreu a adolescência. Porém estas duas coisas loucas e sangrentas de amor existem marcadas nos meus olhos, coração alma e sexo. E nada há de tirá-las. Saudade! Chega porém. E eu então andei mais triste pela rua e Maisa quis andar na chuva mas a amiga A... não quis. E Maisa foi andar sozinha. E andou. Quem sabe ela passasse por mim e eu por ela e nenhum de nós dois sabia do outro. E eu com a infância recém-morta em mim e a adolescência nascida e uma dor eterna e o chuvisco de minha querida e amada e louca São Paulo! São Paulo que eu amo, que eu desejo que eu possuo! Ah! Cidade dos tristes...

Sucumbi ante a tua tristeza e beleza e melancolia. Você São Paulo é a Maisa, é a chuva é a saudade e o desespero! E Maisa andava na chuva compondo vai ver algum samba-canção. E aquilo que eu abandonei e desisti: o amor louco, queimava em mim que nem brasa infernal. /Neve em meus cabelos são infernos de paixão/ E Maisa iria cantar todas estas músicas que ouço agora. E eu ia também para o Guarujá pois minha tia que era rica tinha um apartamento lá. Tia por parte de padrasto e assim nós os parentes pobres, eu e minha mãe e meu padrasto íamos passar as férias num lugar de ricos porque minha tia tinha apartamento no lugar de ricos e era rica e que fazer? Tortura e gostosura. E meu padrasto só ia passar o sábado e o domingo durante a semana trabalhava em São Paulo pois tocava violino no Municipal. Eu e minha mãe sozinhos abandonados no Guarujá. E eu ainda por cima com raiva da minha mãe e amor. E chovia no Guarujá. E Maisa foi para o Guarujá e eu também fui com a minha mãe. Maisa foi com a amiga A... com automóvel e talvez até chofer. Eu e minha mãe fomos de ônibus e chegamos no Guarujá de ônibus. Minha tia era muito bondosa. Eu e Maisa. O Guarujá era dela, pertencia a ela, ela era de sociedade, o contrário de mim. Ela era artista e eu também. Como nós dois somos parecidos! Maisa e eu, somos dois contrapontos quase iguais. Ela também tem no sangue a agonia da chuva triste de São Paulo e uma incomensurável agonia. Saudade.

Enquanto eu poeta fui para a revolução messiânica Maisa cristalizou-se na tragédia. Porém andamos juntos. Quer queiramos ou não. Chega! Eis a história: Maisa chegou no Guarujá e na serra chovera e ela dormira pois é bom dormir. É bom, é bom. E Maisa sentiu uma leve dor de cabeça e seus lindos cabelos revoltos estavam que nem as ondas do mar nesta tar-

de triste de chuva e de cor cinza. Aposto como Maisa ouviu muito Noel o poeta da Vila Isabel. E Maisa que nem eu chorava e sentia Noel o poeta de Vila Isabel. E Maisa olhou para a amiga A... e disse: — “Como a vida é estranha...” E a amiga A... disse: — “É. É verdade. Mas o que salva a vida é o amor e o amor salva a vida e é a luz e o calor dela.” E Maisa suspirou, não sei porque mas ao ouvir a palavra amor ela tremeu. Será que era algum pressentimento? Ah! Maisa trágica. Será que você percebeu a amargura do amor que você iria sentir? Ou será que já sentia? Maisa iria sentir o amor de forma profunda e para aumentar sua emoção ela iria sentir a decepção do amor e por toda a vida iria procurá-lo. E isto é procurar Jesus! E isto é procurar a salvação! Procure Maisa! Procure de todos os modos e de todas as maneiras e não pare por nada, não ligue! Procure que só isto vale: amor!

II

E um vento frio soprava também no Guarujá — e a areia estava molhada e os meninos e meninas que foram para o Guarujá tiritavam de frio e vestiam pulôveres e ficavam falando entre si nos apartamentos. De vez em quando um deles saía para fora, para a rua e voltava enraivecido xingando o mundo, a natureza, os pássaros, a chuva. Eles achavam terrivelmente chatos estes dias de chuva. E então se reuniam como eu disse nos apartamentos a falar. E todos eles se conheciam pois eram uma grande família econômica. /Quando você achar que o mundo é mau/ que viver faz mal/ fala baixo por favor/ E Maisa e sua amiga A... estavam com amigas outras e vários menininhos bonitinhos e bobinhos e alguns deles tinham os olhos azuis cor do mar às vezes. E Maisa sorria. Ela percebia a futilidade e a tragédia de tudo aquilo. Ah! E a eterna e carinhosa chuvinha caindo e fazendo sofrer a carne e a alma. Distância dos planetas! E Maisa pegou o violão e começou a tirar acordes ao léu e cada acorde sugeria uma idéia, uma melodia que vinha vestida de tristeza incomensurável e longínqua. Era algo que machucava o coração e o peito. Havia na música a idéia de tardes tristes, ventos, marés, chuvinhas, grandes chuvas e grandes tristezas. E havia uma calçada e uma rua cheia de árvores verdes. E uma praia e um céu cinzento e alguém sozinho. E Maisa fabricava acordes ao léu. Seus lábios tristes se crispavam. Seus olhos brilharam mais.

E havia um brilho em sua testa, uma auréola de santa. Santa moderna! Diferente! Nova! Realista! Verdadeira! Sem fingimentos nem fitas. Calçada num pessimismo! E uma mensagem otimista forte justamente porque calçada no pessimismo. Maisa Monjardim eu te amo numa paixão sem fim. E ela cantou um dos seus sambas: qualquer. Não sei qual. Todos ouviram e aplaudiram. Tristonhos. E lá fora a chuvinha caía numa dor monótona e dilacerante. A vida é estranha! E os postes estranhamente iluminando as folhas e o espaço e a chuva. Ah! Quanta saudade! E Maisa depois de cantar olhou da janela e ficou olhando e chorou lágrimas na noite enchuvarada! Meu Deus quase esqueci!: — “É que a noite caiu de repente.”

Mas que estranha gente aplaudia Maisa! Gente burra e triste e bonita. E por isto mesmo coitada. Mas nessa coitadice havia algo de sublime ou simplesmente de humano o que dá na mesma. E isto! Todos são humanos e dignos de amar e viver e serem amados! É a possibilidade de salvação! E Maisa a deusa de uma tristeza tão cinzenta que só de olhar para ela meus olhos choraram. E depois de cantar os menininhos bonitos e bobinhos reiniciaram a conversa e as outras meninas também. A amiga de Maisa A... perguntara: — “Para onde você vai Maisa?” — “Andar na chuva.” — “De novo?” — “Sim, sempre que houver chuva eu passearei nela. Ah! Se você soubesse o que é o cansaço do coração! A vontade de amar que a gente carrega dentro da gente e um dia esta vontade explode e estoura e a gente ama e. . . faz loucuras. É a vida, é assim... vida gostosa!” E saiu, foi passear na chuva naquela noite. E os postes iluminavam fracamente o espaço, a chuva e as folhas.

E eu estava no Guarujá sem ninguém lá no apartamento tristonho com a minha mãe. Ela lia, eu lia. De vez em quando nós nos falávamos e isto era bom. E de manhã eu ia na praia assustado e triste e ficava na areia fria e molhada só olhando o mar. Subia para o apartamento e lá era quentinho e comia refeição boa preparada por minha mãe triste e caridosa. Já era noite e caía chuva constante.

E Maisa andou naquela chuva e havia brilhos lindos e esquisitos pelo chão e parecia uma atmosfera de fantasmas e lenda azul. Fantasmas ariscos que pulavam. E sumiam. E Maisa andava com os cabelos de deusa molhados e o olhar de menina brilhando. E o corpo de mulher requibrando. E o coração vivendo e sofrendo por isto. Maisa encontrou al-

guém na noite! Era um velho. Um velho molhado pela chuva. Um velho destes bondosos e estranhos. Ele tinha cabelos um pouco avermelhados. Sorriso de quem sabe muita coisa. Velho impressionante e velho conhecido do nosso inconsciente. Ah! Velho dos sonhos como é que você existe! E o velho falou: - “Jovem menina... você gosta de passear na chuva?” E Maisa espantada se virou pois o velho estava encostado numa árvore e como estava escuro e chovia e clarões aqui e ali misturavam sombras com fantasmas o velho parecia pertencer ao tronco e Maisa não reparara no velho. Além da distração provocada pelo coração sofrendo e por isto vivendo de Maisa que andava por nervosismo e encantamento. E Maisa disse: — “Meu senhor: eu vou onde quero. Eu estou passeando na chuva e daí?” — “E daí?” Disse o velho sorrindo. E continuou: — “Daí nada, só que eu quero desejar felicidade a você. Você é bem ríspida hem? Mas eu te desejo felicidade. É só. Adeus senhorita mal-educada.” E a Maisa chamou em vão pelo velho mas este desaparecera. E depois como viu que não adiantava chamar partiu numa decisão realista e continuou solitária com seu coração batendo. Que velho estranho! E gratuito! Desejar felicidade e ir embora assim! Está certo, ela fora ríspida mas e daí? Ah! Velho, velho apareça de novo que você é a bondade. E a paz, uma paz estranha e diabólica. Velho, não sei quem é você, nem Maisa sabe, mas nós pressentimos algo... E eu não disse? O velho reapareceu lá adiante quando Maisa pisou na praia e Maisa para ele falou: — “Você é um velho louco. Some e aparece. Quem é você?” E o velho disse ao lado daquele mar mais lindo do mundo: — “Eu sou quem? Quem são as pessoas? Só posso dizer que eu sou eu e que tenho em meu coração uma vontade de amar mas como sou velho é impossível eu fazer tal coisa em toda a sua plenitude. Porém como eu muito amei eu sei sentir as pessoas que vão amar muito e que podem amar muito. E quando passa uma delas no meu caminho eu vou até ela e desejo felicidade dizendo: aproveite bem a vida, viva e isto quer dizer ame! No mais eu sou alguém que espera a morte.” E silenciou. Maisa pensativa falou: — “O senhor deve ser muito antigo e eu agradeço as palavras desejando a felicidade. Mas a morte é minha amiga.” E o velho: — “Eu sei. Todos aqueles que são fortes têm a morte a seu lado.” E o velho sumiu e as nuvens do céu estavam negras e tudo parecia virar. No entanto havia alguns pontos luminosos: eram luzes de casas vai ver. Não sei, talvez. E Maisa ao constatar que o velho sumiu continuou a

andar pela praia molhada pela chuvinha naquela noite. E Maisa andava na noite e na chuva e chegou numa casa de luzes acesas e lá dentro havia duas mulheres chorando. Duas mulheres: a mãe e a filha. Maisa pediu um copo de água. E a mãe chorando disse: — “Quem é você desconhecida?” E a filha estava chorando com os olhos vermelhos e as luzes daquela casa eram amarelas. Pardas. E Maisa disse: — “Quero água. Quem eu sou não importa. Até vou mudar de pessoa. Eu já não sou eu. Eu sou Mírian. Já não sou Maisa. Maisa ficou esquecida. Sou Mírian, Mírian talvez de Migdal, Mírian, Madalena!” E a mulher mãe e filha ficaram espantadas e aqui começa um outro trecho da história.

— One night with you —
(rock trágico)

E a mãe deu água chorando para a desconhecida que era Mírian. Mírian Maria Magdalena de Migdal. E eu sumi. Eu virei um ator morto trágico. Morto? Ninguém sabe. Talvez. Ressuscitado cheio de sangue e chagas e a face terrível e amargurada. Seu nome? Ora, para que os nomes. Seu nome? Invento um: Jettus. E Mírian Maria Magdalena de Migdal e Jettus. E Mírian água bebeu. E saciou a sede. E a mãe e a filha choravam de novo. Mírian perguntou depois de beber: — “por que choram?” E a mãe falou: — “É que meu marido há muito sumiu. Nós já estávamos conformadas com isso. Quando de repente ele aparece vestido com um terrível traje preto e nos diz: ‘agora sou vampiro. Entrei para a orgia e para o mundo dos mortos-vivos. Qualquer dia ou noite eu volto para vos sugar o sangue.’ E ante tal terrível coisa desatamos a chorar e até hoje choramos.” E Mírian deu gargalhadas. As duas choraram mais ainda. — “De que te ris... senhorita?...” perguntou tímida e num acesso de coragem a filha com os olhos vermelhos e esbugalhados. — “Eu me rio da vossa covardia e hipocrisia.” Disse Mírian e foi embora. As duas choraram mais ainda.

III

E Jettus ou eu andava na noite também. Só que ele estava perto de uma cidade e havia luzes e asfalto e graxa onde ele estava, onde ele pisava. Ele chorava uma motocicleta perdida e antiga. Jettus, ó Jettus. E Jettus recitou este hino para a garoinha que caia:

“Ó chuva celestial e da carne
cai minha irmã em mim
e deseje a minha carne como eu
desejo as tuas gotas

que são olhos puros de
alguma mãe perdida...

Ó chuva
abençoa este corpo que sua
e que no suor
imita as tuas lágrimas, gotas
mas que não pode passar sem ti
porque você é o espasmo das estrelas
e o porvir do sol e das nuvens
e porque você é bela
e você é o líquido que escorre das mulheres
uma vez por mês
e você é minha irmã
irmã e contigo eu pratico
o incesto e eu te amo oh
chuvinha louca
louca cinzenta
de cabelos cinza...”

E assim Jettus cantou e recitou o hino e foi andando pela estrada e perto
havia a cidade que se ia afastando conforme os passos que os pés de Jet-
tus davam.

Afastar-se!

Por uma noite choveu chuva azul e isto espantou os homens pois havia
copos de leite que de brancos ficaram azuis. Mas esta noite logo passou
e surgiu outra e de dia os notívagos dormiam e assim o Jettus e Maria
Mírian Magdalena de Miguel dormiam de dia pela estrada ou no mato
tendo como cama a grama, a vegetação ou então na praia tendo a areia
como leito. E Jettus andava na chuvinha iluminada por um sol morto pe-
las nuvens e atrás das nuvens. E o vento soprou antigo. E Mírian andava

de manhã nesta tristeza louca. Mas eu não disse que Mírian e Jettus eram notívagos e dormiam de dia? Ah! Eles se esqueceram de dormir... Logo porém caíram de sono e minha contradição não mais existiu. Foi só de tardinha quando as nuvens já estavam negras por causa de um montão de coisas e por causa da vinda da noite montadas num corcel negro medieval e tendo a cabeça coberta de rosas vermelhas: grinalda. E chovia mais forte de noite. Mais forte não a chuva era mais chuva, existia mais. O oceano rugia e era mais profundo de noite. E Mírian e Jettus separados pela distância suspiraram de prazer. E havia umidade em tudo. E uma coisa antiga se fabricava no coração: castelo, musgo, amor, rosas, grinalda, corcel, chuva e saudade. Tudo isto provocava um nó no coração de Mírian e Jettus separados pela distância.

IV

E os dois caminhavam na noite fria e chuvosa e negra. E havia vegetais e pinheiros estranhos pela estrada. Jettus encontrou um túmulo. Era uma laje de pedra onde estava escrito: "Aqui jaz alguém que se chamou D." E Jettus se condeou pois D. podia ser qualquer pessoa. E continuou a viagem. Agora todos os meus personagens: só dois: o homem e a mulher : Jettus e Mírian andam e andam e suspiram de noite. Ah! Mas estas noites têm odor de rosas!

E por toda parte nestas noites fantásticas há luzes, explosões, desafios, sombras e por instantes, segundos, a memória e o coração ficam tão lúcidos que o passado surge à tona tão nítido!... tão rápido!... tão dolorido!... E por instantes também a luz é tanta que dá para ler até inscrições de túmulos, como aquela inscrição que Jettus leu. E serão estes clarões relâmpagos ou fantasmas que pulam? Ou os dois? E o passado é tudo isto?

V

E um messias há de surgir! E longe, longe num lugar em que havia sol e pó um homem se arrastava e pisava com seus pés cheios de calos no chão ardente tal qual um coração. Era alguém, podia ser o messias, podia ser o mesmo Jesus, o antigo, o novo, os dois? E enquanto isto Jettus não sabia para onde andava mas algo indefinido o arrastava para a frente, o eterno:

para a frente! Assim ele não pensava. E Mírian também. Só que ela presentia algo assim como um monte de flores novas e cheirosas e antigas. Um luar, uma fé, uma esperança. Mírian Madalena! Teus pecados são tua bandeira! E ela é que nem Berenice para a idade média antiga. Ela é que nem alguma donzela triste da idade média passada e eu imagino-a cheirando uma rosa e atrás um prado verde muito verde e delicado à tarde num pôr de sol. E o messias talvez que se arrastava no calor e no pó e debaixo do sol com os seus pés coitados e calosos chegou na região da chuva. A chuva o molhou de repente num aguaceiro inesperado: batismo, lágrimas de noiva caindo sobre o esperado ou sobre o qualquer... o que dá na mesma: pois o esperado será um qualquer.

E a floresta lá atrás dele banhada em chuva parece que sorriu. (As árvores sorriram discretamente parece.) E havia cogumelos nela que gargalharam curtas gargalhadas de crianças gordas. E ele abençoado pisou o solo da região enchuvarada e logo começou a escurecer. Seus trapos estavam molhados e se grudavam na carne morena pelo sol de outra terra. E ele achou uma flor e escurecia e havia luz amarela difusa de sol sufocado por entre a chuva e ele pegou e beijou a flor. Parecia uma papoula. Logo depois tudo escureceu, veio a noite soberana e má e os clarões voltaram diabólicos e ele continuou a andar. Agora na noite, na chuva, no frio, com clarões, fantasmas, vento!

VI

E Mírian e Jettus andavam. Vou fazer com que eles se encontrem, aqui banco eu o destino e eu sou Jettus também... Jettus tanto andou que chegou ao mar e Mirian andava à beira-mar. E os dois se encontraram. Se encontraram ao pé de um monte alto e verde e agradável. Simpático, antigo. Passaram um pelo outro. Não se conheciam nem ligaram. E no entanto um terceiro elemento iria surgir. O messias talvez, aquele que cheirou a flor parecida com papoula. E havia um monte, e os ventos e a chuva caía. Era noite. O messias talvez vinha andando e chegou ao pé do monte e nele subiu. E subiu açoitado pelos ventos e pelos relâmpagos que ao longe explodiam, pelos fantasmas que pulavam e pela chuva que caía grossa e sonora que nem cachoeira ou rufar de tambores. Ao chegar em cima gritou para baixo e para todas as direções: — “Vocês que têm fé

venham para cá! Eu tenho algo para vos dizer!...” E sua voz se perdia por entre o ruído da chuva cataclisma e dos ventos e trovões. Porém Jettus ouviu e Mírian também. E os dois voltaram (pois haviam se encontrado ao pé do monte) e subiram o monte e foram ter com o messias. O messias olhou para eles e todos os três estavam com a cara molhada e as roupas. E o messias falou: — “Chuva, chuva, o que tenho a dizer é que (e veio um trovão tremendo e por causa da cor do relâmpago e do trovão ao mesmo tempo que o relâmpago eles, os três, ficaram vermelhos, depois ficaram cinzentos como antes, descabelados) é que... é que... é muita bobagem o que eu falei, o socialismo é o messianismo verdadeiro... e o homem moderno... etc... bobagens? O quê?... Chuva... chuva... sou um messias atrapalhado!” E parou de falar e se ajoelhou e chorou em cima daquele monte. E continuou a resmungar baixinho chorando: Mírian e Jettus olhavam espantados e amargurados para o Messias, o vento rugia, a chuva caía, os fantasmas pululavam. — “Tantas coisas disseram sobre isso Dostoievski... Berdiaev... Fulton J. Sheen... e eu, eu a coisa bem nova da fúria e paz vindouras!... Ah! E a Trindade...” E novos trovões e relâmpagos e fantasmas que pululavam. Chuva: chuáá! E os três em cima do monte à mercê dos elementos, da fúria dos elementos, do açoite impiedoso da natureza. E de repente Mírian e Jettus se afastaram dali, do monte, da montanha talvez onde o messias chorava e resmungava na chuva. E Mírian virou Maisa de novo! E Jettus sumiu pois ele era o ator morto e eu. E eu estou escrevendo! E Maisa voltou a ser Maisa.

Que vida! Vocês percebem o horror? É para evitar esta volta terrível, este retorno mau que eu vou viajar, vou partir, sair, me libertar! Por isto esta história é uma história de transição entre o ciclo que acabou e o ciclo que vai começar! Para a estrada! Tudo me impulsiona para lá! E o messias ficou louco pois levantou-se e gritou: — “Eu sou Bromios!” E uma gargalhada de Deus se ouviu ou do próprio Bromios que é Dionísio ecoou ao lado do trovão que existia com a chuva que ia amainando pouco a pouco até que virou garoa e em cima azul-acinzentado existiu. E Bromios o ex-messias desceu tranquilo do monte e foi embora. A capa de chuvinha era delicada e calma. Acalmante. E Maisa por aí com os olhos tristes e violão. E eu, e alguém morto e enterrado tendo em cima dele o caixão e a terra e a laje e a cruz e o céu e as estrelas e depois! Deus?... Qualquer coisa: a curvatura do espaço que deve ser algo feliz assim como lírios ou

bétulas. Ou luar gordo de verão. Ah! Brasil! América Latina da coisa nova! Vou te conhecer! Viajar! Amar! Beijar! Adeus...

E falam tanto os sofisticados, os pedantes, os talvez bem intencionados mas terrivelmente enganados sujeitinhos da bossa-nova que criticam o samba bem vulgar, e por isto genuíno, a tragédia suburbana, banal, vulgar, que fala em abat-jour, bibelô de porcelana, frases patéticas, eslavas, brasileiras, sangue, boneca de trapo, doidivana, noite de insônia, tudo cantado pelo glo-rioso Nelson Gonçalves! Sim, e grandes, grandes compositores do patético são: Lupicínio Rodrigues, Adelino Moreira, e Herivelto Martins em parceria sempre com o David Nasser! Grande parte dos meus amigos são contra estas músicas. Eles são da bossa-nova sofisticada. Embora eu reconheça a importância da bossa-nova pois tanto já falei dela. Mas a bossa-nova seria o Apolíneo e estes sambas populares são a parte Dionisíaca da cultura brasileira. Ah! Nietzsche socorra-me! E Viva o grande e patético Nelson Gonçalves o rei dos reis, o cantor e voz tão maviosa e bárbara que tudo para extasiado quando ele canta. E a Ângela Maria também e o Caubi Peixoto também apesar de sua sofisticação. Porém sua sofisticação, sofisticação do Caubi, é sofisticação em outro plano, é no plano do vulgar, e não do fino, elegante, sutil, como a sofisticação da bossa-nova. E Nelson Gonçalves é grande que nem o patetismo de tuas canções, o enredo de tuas músicas que tanta gente burra não entende, reflete o que o espírito brasileiro é: o patético, incomensuravelmente romântico, banal, sentimentalíssimo, chorão, afetivo, à procura da mulher amada sempre, endeusando a mulher, querendo a mulher como se quer a vida (esta característica sobreviveu na bossa-nova, é um elemento dionisíaco que sobreviveu no Apolíneo) é que nem a rádio-novela, e por falar em rádio-novela: Villa-Lobos, nosso grande patrício e gênio adorava rádio-novelas: é que ele também captava em sua genialidade o Dionisíaco puro emanado pela rádio-novela. E quero render aqui homenagem ao grande seresteiro caboclinho querido: Silvio Caldas. É de outro tipo um pouquinho, mas ainda é Dionisíaco nosso cantor querido de cabelos grisalhos, com seu violão, suas memórias, seu garimpo, ele é outra alma Dionisíaca e por isto grande como todas as almas Dionisíacas. Muito me espanta que inúmeros comunistas gostaram tanto da bossa-nova e abominaram o samba por mim chamado de Dionisíaco: samba do Nelson, para ser mais simples e do Silvio Caldas. Será um bitolamento dos comu-

nistas? Sofisticação de alguns? Ou será tão grande o amor deles à ordem e à estratificação que isto se refletiu na escolha das músicas? Seria triste se assim fosse. Mas eu sou comunista e sou contra! Apesar de reconhecer os elementos positivos da bossa-nova: serei sempre um Dionisíaco! Um vulgar, um banal se quiserem, um fã do Nelson Gonçalves e da Ângela Maria e do Silvio e do Caubi! Acho que sou o Maiakóvski, sou que nem ele, grito constantemente contra o bitolamento e contra o empobrecimento de certas atitudes que destruirão o senso de captação de todas as coisas em todo o seu vigor de força e naturalidade. Defendo a total revelação do ser. Viva o Nelson Gonçalves! Ouviram bem seus sofisticados? Será que nunca vocês penetrarão na alma do vulgar e tirarão de lá as maravilhas e verdades que só lá se encontram? É a alma do povo, é a tragédia ambulante, e o gosto da empregadinha de ouvir palavras “difíceis” e bonitas, e poéticas em imagens que por seu mau gosto incomensurável são verdadeiras e fazem corar nossa pele de poetas sofisticados, cultos, intelectualizados, e nos fazem corar porque são a verdade, a verdade, a verdade! A verdade crua patética vulgar do povo e de seus amores e de seus desejos. E o que me mais me irrita e exaspera e faz ficar louco de raiva e de ódio, sim ódio! É quando ouço um destes bossa-nova ir no rádio e falar que: — “Temos que limpar a música popular brasileira, temos que dar mais cultura ao povo... e nós os da bossa-nova lutamos por isto...” Senhores! Povo! Isto é cretinice! Este pretense “limpar” é a maior burrice é o maior crime! Vocês não sabem seus imbecis e ultra-sofisticadinhos cantores e compositores (e existe ainda entre eles a audácia de alguns de se dizerem comunistas, revolucionários do povo, só se forem de salão) que isto seria matar a fonte, secar o maná, pois o povo, a vulgaridade é a matéria-prima sobre a qual todos nós estamos calçados? E que Nelson Gonçalves é gênio perto de vocês? E que Adelino Moreira é algo incomensurável, é um ente, um intermediário entre as musas e o povo? É alguém que entende, sente, capta, a alma, a vontade do povo? Se vocês conseguissem como querem “limpar” a música popular brasileira vocês morreriam, a vossa própria música sucumbiria, pois o Apolíneo só não existe, ele é filho do Dionisíaco. Vocês não percebem que este “limpar” é o suicídio? Imbecis, sofisticados, enlouquecidos pela adoração do ego, um milímetro vos separa dos fascistas, da egolatria, pois a sofisticação é a atração pelo falso, fictício, formal, é anti-povo, o anti-vulgar: por isto eu já disse: é preciso existir a

vulgaridade e a banalidade! Idiotas! Fiquem onde estão, façam seus sambas bossa-nova sofisticados mas fiquem nisso, não se ponham a bulir no que é sagrado, no que é divino, na alma do povo, nas correntes profundas da história que vocês se azaram, pois vocês nunca viram o Dionisíaco se rebelar? Vocês seriam esmagados, triturados, esmigalhados, e surgiria o caos. Começo a entender porque alguns comunistas adoram a sofisticação e são contra o Nelson Gouçalves e Dionisíaco. O Dionisíaco é a explosão, é Pugatchef, é Odessa, é Sebastopol, é os camaradas comissários do povo do começo, e da resistência, é a República Espanhola e seus heróis imortais, é Patrice Lumumba, é Francisco Julião, é Maiakóvski, é o navio Potiomkim, é Gogol, é Dostoievski, é o samba do Nelson Gonçalves! E o Apolíneo é o Franco, é tanta coisa feia e má e boba... Mais exemplos de Dionisíaco? Eis: Fidel Castro, Mao-Tsé-Tung, Elvis Presley (com desvios e pequenas mudanças características de sua civilização) é o Little Richard, é a Aracy de Almeida e o Noel Rosa (com grandes cargas de ironia e mágoa) é o Walt Whitman, e... tanta coisa boa e forte verdadeira!... Eis aí, é assim, sempre será! A bossa-nova pode existir, ela é o Apolíneo da cultura e da alma brasileira, ela é o Olimpo, mas Dionísio tem que viver pois se ele morrer (o que é impossível pois isto seria a morte do povo de onde vem tudo) morreria também o Olimpo e todos os seus deuses bonitinhos e superficiais. Entenderam? Leiam imbecis: "Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik" Friedrich Nietzsche. Ó imbecis do mundo: façam roda de mão dada e trabalhem também pela felicidade humana, mas muito cuidado para não caírem no fascismo que vocês estão a um passo dele! Quem esquece o povo esquece Deus. Foi um russo quem isto disse. Quem se afasta da vulgaridade, da revelação das massas, quem perde o espírito messiânico e vai para uma torre de marfim está acabado! Por isto meninos da bossa-nova muito cuidado! E não falem mais bobagens. E a gente fala que vai esquecer o primeiro amor mas é bobagem, a gente não esquece não. Ah! E eu devia tanto esquecer este meu primeiro e até agora único amor no duro! Ah! Quem me dera que o vento me fizesse voltar para aquele tempo quando caía uma chuvinha linda e louca! E eu ouço o grande Nelson Gonçalves cantar: noite de insônia, e eu fico mais sentimental ainda. O Mário Matoso disse que eu recalco a minha afetividade, e eu acho que é isso mesmo. Só que eu acho que o meu primeiro amor eu nunca hei de esquecer. /Entre as paredes frias do meu quarto/

que outrora o seu amor vinha aquecer/ a insônia conversa a noite toda/ e não me deixa lembrar de me esquecer! (Samba: Herivelto Martins e David Nasser: canta: Nelson Gonçalves). E outro daquela época em que eu ficava louco e pensava no meu amor segundo por segundo e só dormia pensando no amor: /Quantas noites não durmo/ a rolar pela cama/ sentindo estas coisas/ que a gente só sente quando ama/ (Acho que é do Lupicínio, tenho certeza não sei se tem parceria). E esta chuva quando voltará? Ah! Estes dias de sol são meus inimigos.. . E eu andava na calçada fria de bairros distantes e havia céu negro e nuvens que dançavam. E ontem eu fui ver o meu amor. Meu amor não estava, e então eu fiquei inventando um samba que eu não completei e cujo começo era assim a letra: “Não sou mais/ do que/ uma sombra do passado/ carrego em mim/ um coração/ machucado e fico olhando de longe.../ E é assim mesmo. Sou uma sombra do passado. Coisa gozada é a vida! E eu choro, muitas vezes eu choro. Lembranças... eu fui o culpado de tudo! Eu não quis, eu fugi! Eu só eu tive medo! Eu mereço o desterro, o esquecimento, a tragédia e o sofrimento! Mas eu responderei com flores da ilusão e do perdão porque só isto resta, e construir um mundo novo. Abaixo idiotas pessimistas! Eu vos arrebentei todinhos! Meu otimismo é calcado no pessimismo e por isto é forte! É a verdade! É a saudade, é o samba, as flores e tudo aquilo que é o coração. /Outra noite que eu passei em claro/ só Deus sabe porquê... / Ah! Meu amor é meu amor por mais que eu queira negar! Ah! Deuses! Que missão me foi dada! Sinto-me orgulhoso da minha missão, e eu que negava no começo a missão! Tudo é questão de termo, briga briga vã, palavras. Mas o fundo da coisa é essa mesma, é a missão que tenho, a missão da não missão da naturalidade do ser, da justiça milenar de Jesus ressuscitado agora em bandeira vermelha e foice e martelo que são uma cruz. E as Ligas Camponesas me atraem. Francisco Julião é um Galileu, um samaritano, um judeu! E aquela terra do nordeste é Jerusalém, é a Palestina é uma terra seca de sofrendores onde sopra o vento do hálito de Jesus. Percorre aquelas regiões o brado, os primeiros acordes de um hino Universal de felicidade e fraternidade! Quantas criancinhas dançarão felizes! Esta imagem é terrível de tão bela! Dou minha vida, sim! Dou a minha vida por Jesus Cristo ressuscitado na Terra! Quanta coisa boa há no mundo! Um casal de gente simples feliz com um montão de criancinbas! A felicidade da ingenuidade de um velho. Ao falar de suas

lembranças; de seus amores. Os risos de pessoas felizes. A felicidade do camponês ao receber com seus irmãos e camaradas um trator novinho! Para lavrar o campo e matar a fome e produzir o fruto! Isto é bíblico! E o chinês, e o coreano, e o hindu, e a persa, e o libanês, e o israelita, e o turco e o brasileiro e todas as pessoas do mundo num mundo igual feliz e único! Ânasia de falar na tua linguagem ó poeta americano Walt Whitman! Ó nobre zen-budista da fraternidade Universal! E o zen-budismo não é desviacionismo coisa nenhuma! Existem zen-budismos e zen-budismos. Mas o primeiro amor a gente não esquece não.

E havia um carro. E um rock, um rock antigo daqueles do meu tempo de adolescente e de herói. O rock é heróico e é eterno, ele é um pouco egoísta, e o culto do herói também não é um pouco fascista? Mas é adolescência e messianismo neste tempo era ridículo e até pecado. Pleno império do paganismo! E eu vi o meu amor, o meu amor, ó, o meu amor! E o meu amor estava no carro e guiava com os cabelos esvoaçando por causa do vento provocado pela velocidade. E eu suspirei, ó, eu suspirei tantas vezes! E tantas vezes em vão! Em vão? Nada é em vão. Quem sabe ainda resta a probabilidade, esperança é que não morre. E agora os soviéticos ao céu chegaram e o homem, o homem da esperança chegou. E o reencontro de dois elementos: céu e homem! E caía sobre nós imensa religião mística que vem surgindo do não sei aonde e que reinará de modo absurdo e socializante. Será uma religião de carne, amor, rituais, bandeira vermelha, vento e mar e amor, muito muito amor e chuva! Não sei se meu amor ficará contente se eu disser: — “Você é meu amor!” Ah! Tantas coisas... tantas coisas... que caía sobre mim o espaço do esquecimento! Eu sei que não cai...

E o Nelson Gonçalves o imenso cantor das multidões canta e eu ouço. E a composição é da dupla: Herivelto e David. E é a lembrança que me acode toda hora que ouço esta composição. Não sei porquê. É mais forte que eu. É meu coração que eu tento ocultar, que eu quero esconder, que eu quero não mostrar, mas não é possível! Eu mostro e qualquer dia fico louco. Maisa é uma tragédia à parte. Ela é o Dionisíaco também, ela é a grande sacerdotiza, ela é a bacante, ela é a deusa! Ela é por si própria. Ela é a deusa! /Se prá subir na vida eu tiver que decair/ eu prefiro ficar aonde estou e não subir/ se o preço da glória/ cobram caro demais/ eu prefiro ser apenas o que sou e nada mais/ É este o samba que ouço. Ah! Bárbaro!

/Se a escada do sucesso é uma descida.../ eu prefiro ser pobre como Jó/ e não transigir/ Sim, eu prefiro, e por falar em sucesso, o meu quando é que vem? Ah! Ah! Ah! Estúpido escritor de mil páginas ainda não editado! Fernando Pessoa era um agoniado, negou a vida, a ação, viveu num turbilhão de loucuras mentais, entorpecentes, quase budista, budista ocidental, tenho medo, disto tenho medo, muito medo, por isto vou para as Ligas Camponesas, quero ir para lá, quero amar! Quero ir para Cuba trabalhar com o Fidel, montar guarda com fuzil na mão, quero conhecer o Agnaldo Rayol, e quando eu começar a aventura vou para Piracicaba, vou até uma certa fazenda cheia de cana de açúcar e falar com o meu antigo amigo Pedro Fulvio e convidá-lo a ir também, se ele quiser ele vai se não ele também não vai... Mas estou com tanta dor de cabeça! E sono! E o que é o futuro? Vou ver uma fita de automóveis que correm, sangue na estrada, coisa de velocidade. Ah! Quanta vontade! E eu escrevo para não chorar, não dormir, não morrer, tendo medo!

E existem tantas coisas neste mundo e o que mais fazemos é passar, transitar. Hoje os fascistas invadem Cuba: 18 de Abril de 1961, não sei o que acontecerá: todos nós rezamos, e se não fosse a promessa de uma vida sexual próxima e louca e a impossibilidade de ir até Cuba eu ia para lá. Mais uma prova da grandeza de Jânio Quadros, sua atitude perante os acontecimentos. E havia um automóvel eu já disse, um carro bonito, último tipo e um rock antigo a tocar pelo rádio do carro. Caía aquela chuvinha querida minha, chuvisco. Toda a serra estava molhada e a estrada também. E aquela pessoa era o meu amor! Havia um vento frio e incômodo, árvores molhadas, vento e chuva. E era uma loira, mas uma loira tão triste, neblinosa, apagada, pálida e fantasmagórica que a chuva parecia ser a sua irmã também e o seu reflexo. Reflexo no espelho do céu. E voltando a Cuba: os contra-revolucionários são alguns gente de boa fé, sentimentais românticos, não posso crer que eles (alguns) antigos heróis de Sierra Maestra tenham se vendido ao dinheiro ianque. Acho que a sua revolta é ideológica, haverá perdão para eles? Será que os antigos camaradas de armas ao verem os seus antigos (alguns) chefes do outro lado dando ordens, não se passarão? E imaginem quantos ex-capangas de Batista não há entre os contra-revolucionários, e tudo pago pelos Trustes do Tio Sam. É triste, porém Cuba tem a seu lado muita coisa, muita gente, poetas, esfarrapados, China e União Soviética e muitos outros, muitos muitos

outros. Já disse, estamos rezando. Ah! estes comunistas místicos!... E o automóvel rico e tendo a loira apagada lá dentro que nem a chuva pálida que caía e cairá em minhas obras pois ela, a chuva é ao mesmo tempo a ressurreição, minha mãe, o leite do céu, o maná, a tristeza incomensurável da vida, Maisa, tragédia, James Dean, mar, chuvisco lembrando amor primeiro e único, saudade! E muito mais, muito. /Samba triste a gente faz assim: eu aqui e você longe de mim, de mim/ ...Êta nossa música! Cuba, Cuba, meu coração está sangrando! Cuba é que nem a Espanha para a nossa geração. Um frio me percorre a espinha, ao lembrar Mário de Andrade desprezando toda a sua obra e xingando-se menosprezando-se. Ah! Os intelectuais! E a Espanha estava lá, e Mário aqui impotente com seus livros empilhados e depois jogados no chão. E eu aqui em situação pior pois Cuba não é Espanha, Cuba é Cuba, é muito mais perto, é da nossa América e eu ainda nem livro tenho pois editado não fui. Covardia. E o carro com a loira parou no meio da estrada pois acabara a gasolina ou qualquer coisa quebrara. E a loira suspirou e a chuva caía na vidraça do carro e tudo era uma nuvem, uma neblina só. Lá embaixo muito embaixo e invisível o mar existia. E o carro parou e veio, surgiu um sujeito em vestes esfarrapadas que surgiu do mato e aproximou-se da loira apagada e meu primeiro amor incomensurável e quase lendário, mentiroso, olhou para o sujeito de vestes esfarrapadas. O sujeito disse: — “Senhorita o carro parou não é? Eu não sei consertá-lo mas sei falar tanto que a senhorita vai esquecer o carro e seu defeito e vai ser feliz esquecendo! Esquecendo! E o sujeito enquanto falava sorria sorria cada vez mais, feliz e exultante. E a senhorita que era o meu amor primeiro e louco e quase lendário, mentira, disse: — “O senhor é louco. Não é esquecendo que a gente fica feliz. É lutando, brigando, trabalhando!” E o sujeito de vestes esfarrapadas ficou muito espantado pois não esperava isto de uma senhorita de automóvel tão lindo de último tipo. E passou por lá naquela hora um sujeito montado numa motocicleta. Ah! Ah! Ah! Ah! E ele era um sujeito de aspecto bonzinho, apagado também que nem a loira parecida com a chuva e amor meu lendário. E ele parou a sua motocicleta e desceu e disse: — “Algo quebrado? Eu conserto.” E mexeu no motor e consertou e voltou para a motocicleta e foi embora. E a loira gritou: — “Obrigada”. E foi embora com o carro e passou a motocicleta e deixou-a para trás e sumiu. E quem ficou parado foi só o sujeito de vestes esfarrapadas e estu-

pefacto. Chovia. Ah! Sim, e lá embaixo o mar era invisível.

E um poeta andava pela serra nesta neblina e era invisível o poeta que nem a chuva e a loira apagada e o sujeito da motocicleta e o sujeito de vestes esfarrapadas. Tudo muito neblina, apagado, desaparecendo.

E a deusa, a Maisa adora Noel Rosa! Que nem eu! Também pudera! E ela fez o “Escuta Noel”. Ela é a deusa dos desapiedados, ela é louca, ela é a minha deusa! E tanto vento soprou que a rainha, a deusa voltou. Ela veio com o vento, com a chuva, com a recordação. E chovia e quase caía neve. E ela estava com sono. E todas as coisas convergiram para ela de novo, tudo tudo, a revolução, os sonhos, os soldados, eu, eu, eu! E a chuva e o vento e a tristeza. E o meu amigo antigo Pedro Fulvio. E em frente ao consulado geral dos U.S.A. existem muitos policiais, muitos. Eu perguntei a um deles, ao mais velho, ao guarda simples da cidade de São Paulo: — “Meu senhor, boa tarde, vocês estão aqui para tomar conta do consulado?” E ele olhou para mim e pôs a mão sobre o meu ombro e disse: — “Sim, meu amigo, infelizmente. Ouça o que eu digo, e eu sei o que é a guerra, eu fui pracinha da FEB, lutei na Itália; a guerra é uma coisa horrível, ela é boa de se ver no cinema sentado numa poltrona, mas na realidade ela significa estupro, miséria enfim a coisa mais horrível. E ouça meu amigo, o Brasil é a melhor terra do mundo, aqui existe a liberdade! O que adianta a Rússia ter sputnik e os USA ter tanto aço se aqui no Brasil é que existe a paz e a liberdade e a felicidade? Brasil é a melhor coisa do mundo, nós precisamos preservar esta coisa! Veja só, brasileiro briga no fim de um jogo, Corinthians, São Paulo, meu filho, Getúlio já disse: orgulhe-se deste país, meu filho a guerra é horrível.” E eu fui embora, o que ele me disse eu escrevi. Fidel deve ganhar. /Noel onde estás que não escutas... / Ah! Minha deusa quando é que vou te conhecer? Já perguntei isto há muito tempo atrás e eu era desconhecido e ainda o sou e já faz muito tempo. E será que será depois da tua morte? Da minha morte? A culpa é do mundo! Eu acho que te entenderia tão bem Maisa! Eu te amo! Te venero! Te adoro! Não sei procuro explicar! Você acho que é um complexo milenar em mim. É tudo, é a tristeza trágica em forma de mulher! É além disso a artista, a cantora, a compositora de sambas tristes, é o vento e o mar. Sei que vão me acusar de reacionário mas eu não ligo, eles não entendem certas coisas. Mas eu te amo! Você encontrou a loucura! E seria preciso tanta coisa para te explicar! Para explicar meu amor por você! Tudo por-

que você não me conhece nem eu a ti. E tão longe estás! E bem nos States, onde eu acho que não me deixam entrar. /Vai sua vida/ seu caminho é de paz e amor.../ E volta o Vinícius e o Jobim! Quanta gente conhecida! Amiga! O mundo é irmão! Camaradas! E Maisa a deusa estava acabando de se levantar e estava com sono e viu um automóvel ao longe. Era um automóvel onde tinha lá dentro uma loira, a loira pálida, a loira apagada, a loira meu primeiro amor. E Maisa ficou olhando para ela. O carro parou e a loira falou para a Maisa: — “Você é que é a grande cantora?” E Maisa sorriu e disse: — “Sou.” E chovia e depois logo depois de Maisa responder apareceu o moço da motocicleta montado na motocicleta e também foi até Maisa e ficou olhando para ela. Reinava o silêncio das vozes humanas e imperava o ruído da chuva. Maisa sorria triste. E depois tanto a loira apagada o meu primeiro amor e o moço da motocicleta sumiram e também os seus respectivos veículos. A motocicleta e o carro. Maisa estava só, terrivelmente só. Tragicamente só e um bilhão de saudades rolou do além e veio me acordar num chacoalhão sacudindo meu coração. E o vento zunia e a chuvinha caía e eu sofria. Ah!

Falta vigor ao sol o sol devia ser que nem a chuva, aí sim ele seria forte e louco e poderoso. Assim ele é apenas bobo. E Maisa estava num carro a alta velocidade e ia gravar e cantar e eu poeta andava na rua molhada de uma cidade louca e linda e molhada fria e cinzenta que é São Paulo. E meus sapatos pisavam na água, e a água era fria e gelada. E havia árvores verdes mas tão molhadas que pareciam flocos de algo verde-acinzentado, e seus troncos pareciam coisas marrons velhas e fofas, musgos, musgos velhos e úmidos. E eu andava nesta umidade toda. E Maisa passou por mim guiando seu carro foguete de tão veloz que ela ia. E depois só fiquei eu de novo com o frio e a umidade. E que céu cinzento! E a chuva pingava por todas as partes, ora como véu, suave que nem uma bailarina, ora que nem um jato, chuveiro quase azul se não fosse cinza, e etc. etc. Chuva tem mil formas, mas a forma que eu mais gosto é a garoa, é o véu louco e suave e doido. E eu também estou doido! Ah! Chuva te amo! E te amo Maisa! Confundo: Maisa com chuva e vice-versa. Tudo é a mesma coisa! Amor! Sexo! União! Esplendor cinza da tristeza e da chuva e da melancolia!/Sambista só sabe sambar prá grã-fino/ ...e a poesia acabou/ Vem Noel, vem fazer a serenata, tua música faz falta e ninguém nunca igualou/ E Maisa cantava esta música em seu carro guiando-o. Ah! Deu-

sa! Os deuses agora andam de carro e vivem escondidos e ninguém sabe quem são os deuses (tem gente até que pensa que eles não mais existem!) até que venha alguém como eu que os delate, os denuncie, eis aí, eis aí: os deuses! Foi assim com James Dean, é assim com Maisa. E o carro dela corria, zuum! E a rua estava molhada e todas as ruas estavam molhadas. /Amar sem mentir nem sofrer/ Existiria a verdade/ verdade que ninguém vê, se todos fossem no mundo iguais a você/ Maisa!

E Maisa é o máximo! Fidel venceu! Fidel venceu! Ninguém pode derrotar a revolução! Ontem eu e o Aguilar fomos até a U.E.E. para nos alistar como voluntários para Cuba. Porém lá nos disseram que por medida de segurança os alistamentos só seriam efetuados no dia de hoje. Hoje à tarde iremos lá. Apesar de Fidel já ter vencido queremos que ele conte conosco como soldados da reserva. E Viva Cuba e Patria o Muerte! E Fidel e Guevara e Raul Castro e Roa e todos os heróis e o povo que é o maior herói! E Maisa canta /Ouça vá viver a sua vida com outro bem/ hoje eu já cansei de pra você não ser ninguém/ E ela é uma deusa. E eu ainda faço Maisa virar comunista e trabalhar pela verdade! Ela seria um colossal acúmulo de forças irracionais para o bem da revolução. Ou será que ela ficará sempre na posição cristalizante de tragédia? Ah! Maisa! Eu já fiz você procurar Deus e a fé e Cristo e o comunismo num livro meu lembre-se? No Lux ex Oriente. Ah! Tempos e o teu fascínio continua pois você é da minha geração, somos irmãos! Comunismo para mim é a liberdade real e definitiva do homem, sou Trotkista, anarquista, revolucionário. Viva Cuba a Cuba dos libertados! A Cuba de Fidel!

/Vai sua vida é um caminho de paz e amor/ E Maisa sonhava tristonha e ia gravar e parou seu carro em frente da gravadora. E a gravadora era yanke. Era uma coisa que explora nosso povo! Mas Maisa nela gravava, e Maisa não liga para estas coisas porque ela vive em outro mundo. Será que lendo estas coisas ela se passa conscientemente para o nosso lado? O primeiro passo que ela deu em sua vida foi libertar-se da burguesia, coisa gigantesca pois ela o fez sozinha. E agora restaria o segundo passo: a tomada de consciência, consciência revolucionária, consciência de uma ex-burguesa agora criatura sem classe, prestes a entrar na luta pelo proletariado para erigir a nova sociedade do homem realmente livre. Êta Maisa! Que tal? Só peço que você não me processe, eu continuo te amando da mesma maneira. Pode me processar. Não faz mal. Eu compreendo

do. Mas imagine se você passar para o nosso lado! Você encontrará Jesus realmente, Jesus no duro, e não aquele hipócrita que os padres pintam e descrevem, você vai encontrar Jesus que perdoou Madalena (acho que nem perdoou pois não havia o que perdoar) e Jesus é a bandeira vermelha que faz no duro, realmente sem hipocrisia, sem canto idiota fingido de “bondade católica” ou “imperialista aproveitadora e escravizadora mercantilistas”. Jesus ressuscitou em 1917! E agora veio para a América em Cuba e vem vindo, e aí eu esbarro nesta incógnita que é o Jânio. O que é ele? Eu gosto tanto dele! Sei que vão me chamar de reacionário e outras coisas mas eu não ligo, eu também só /digo o que penso/ só faço o que gosto e aquilo que creio/ falo a verdade! Sempre! Ah! Vida! Chuva! Maisa! Venha para meus braços!

Hoje à tarde eu e o Aguilar e mais o Arthur nos inscrevemos como voluntários nas brigadas de voluntários para Cuba.

INÍCIO TERRÍVEL DO SEGUNDO CICLO:

Mudança radical. Tudo vai mudar como se tivesse caído uma bomba atômica em algum lugar. Não vai haver mais tempo, nem ordem, nem causa nem efeito, nem nada. Tudo será uma terrível noite onde choverá constantemente e onde coisas novas agirão sofrerão e dançarão. O comunismo ficou para trás no primeiro ciclo. Assim também tudo quase ficou no primeiro ciclo. Vou começar o ciclo mais terrível: o segundo! O primeiro ciclo mitológico meu começou com o moço da motocicleta e foi até a História da Revolução Brasileira que teve seu fim no “Imperador do Caos”. Vou citar os livros do primeiro ciclo talvez pela última vez: “O moço da motocicleta”, “As duas bonecas e o morto”, “Crisis”, “Lux ex Oriente”, “Os dois virgens na chuva”, “Você roubou meu sossego”, “Bandeira negra e rosa vermelha”, “Historinha de amor”, “Prelúdio”, “História da Revolução Brasileira” e “A Grécia e o Guarujá e o Imperador do Caos”. Ainda pertencentes a este primeiro ciclo as obras: “Dionísio: Esboço de uma análise consciente-sensorial” (Filosofia) e “Gz, Gz, Gz, e Wagner & Rock” (Duas peças de Teatro). Eis aí o glorioso primeiro ciclo! Todo escrito na adolescência! Trabalho gigantesco! Ciclópico! Bárbaro! Louco! Chuva! Pois bem, agora vai começar o terrível segundo ciclo. Tudo aquilo que eu escrevi neste livro até agora foi obra de transição. Foi passagem,

transição. Eu não estava mais no primeiro ciclo mas não havia saído bem dele. Pois bem, agora, eu já estou no segundo ciclo e ele é terrível. Terrível pois é algo completamente novo, de um mundo novo, de uma visão nova, é um mundo da quarta dimensão. É a Nova Idade Média mas nova mesma! E quero falar: No primeiro ciclo e também na obra de transição (tudo aquilo escrito neste livro até agora) eu repisei toda a cultura ocidental e oriental, Kafka, Sartre, Lawrence, Berdiaev, Dostoievski, Albert Camus, Nietzsche, Marx, Heráclito, Jesus, Dionísio, Artaud, Wagner, Gogol, Rerouae, James Dean, Heidegger, e todos aqueles enfim que já renunciavam a nova era que penso ter vindo agora com o segundo ciclo. O primeiro ciclo também é uma visão rápida por vezes da nova era que agora penso enxergar e descrever, em alguns trechos, aparições, é notório isto. Mas entendem o que eu digo? O primeiro ciclo e a transição estão ainda na maior parte mergulhados na terceira dimensão, existe a luta entre o racionalismo e o irracionalismo. Agora o racionalismo morreu. Sim, morreu. E tudo mudou como se tivesse caído uma bomba atômica. E agora este segundo ciclo é a coisa mais diferente e louca já escrita por mim. Tudo é novo! Morreu tudo que existia até agora. Tudo isto deve ser compreendido em termos. Morreu a coisa que tinha que morrer e sobreviveu aquilo que sempre era da nova era: Maisa, chuva, etc. Pois bem, eis aí: O segundo ciclo, o ciclo da minha idade adulta! Ciclo louco e talvez último... quem sabe?... Vai começar a sinfonia!

INÍCIO TERRÍVEL DO SEGUNDO CICLO:

Sou uma criatura perdida no orgulho da matéria. Passará o céu e a terra mas o que dizem as minhas palavras não passará. E eu sou primo dele. Fui ouvir numa noite fria e chuvosa uma conferência sobre jazz e entre os espectadores estavam alguns bobinhos existencialistas que ao verem a figura de Jesus na parede disseram: — “O que é isso na parede?” Que meu primo os perdoe. E disseram outras injúrias. E Wagner toca agora e isto sim é que é vida! A morte! O sangue! A chuva! E este segundo ciclo o que será? Estou que nem um bebê, recém-nascido quase, neste segundo ciclo. Mas já sei dizer que o racionalismo acho que não morreu tal como foi anunciado lá atrás no panfleto anunciante da vinda do segundo ciclo. E nem sei se isto é mesmo um segundo ciclo. Haverá ciclos? Primeiros e

segundos? Não será tudo a mesma coisa? Ó! Uma melodia só comprida e louca e extasiante e enervante e entendiente e melancólica e chuvosa? E Maisa está na chuva voando no seu carro feito louca e a chuvinha da minha infância e adolescência e de agora cai cai que nem uma neve que nunca vi. Será atávico? Ó chuvinha! És que nem o Wagner! Ou que nem Maisa! Ou que nem um bilhão de coisas gostosas e trágicas! Névoa Chuva!

Nós somos pássaros de uma nova glória! Ajudai as crianças cegas! Pobres! Coitados de todas as espécies! E o mundo vai mergulhar numa nova era, uma nova idade média. E os socialistas vão ajudar a construir este mundo. O comunismo não é o anti-cristo, mas sim Cristo! Berdiaev julgou errado. Viva Trotski! E eu já nem sei mais o que eu falo. E existem duas forças neste mundo: o capitalismo e os trustes e o comunismo e o povo. O capitalismo engana o povo dando uma liberdade individual fictícia falsa, hipócrita. Se o capitalismo dominasse no mundo inteiro só existiriam guerras e injustiças. Mas isto já é conhecido, para que falar e repisar? Não sou doutrinador marxista, tomo como evidente o conhecimento de tais coisas por parte de um possível leitor. E viva a liberdade verdadeira! Do homem libertado da matéria que o escraviza, o dinheiro! A economia! A classe! E viva o misticismo! E dou todo o meu apoio ao Partido Trotskista (Partido Operário Revolucionário) e também ao Partido Comunista e ao Partido Socialista e ao Partido Trabalhista Brasileiro (com algumas exceções). Unamo-nos na luta contra a burguesia! Frente única!

Depois resolvamos nossas questões num mundo já socialista. E a anarquia final é a nossa meta comum, o trotskismo é a evolução final. Mas num dado momento da história eu teria sido Stalinista. Viva o estado operário Cubano! A revolução por etapas (stalinista) não é comigo, mas às vezes eu aprovo a G.P.U. É muito difícil explicar. Mas entendam. E viva a REVOLUÇÃO! E Maisa com a sua sonolência de deusa misteriosa estará presente. Eta Maisa na revolução! Que minhas preces atéias surtam efeito. Viva o Sidney que é meu amigo e camarada! E a Lenira! Viva amigos novos de um mundo novo!

P.S. Viva o caos! Viva o presidente Kennedy! Viva a liberdade individual e a democracia! Viva! Viva! Viva a África!

O mundo se encontra na mais esbagunçada das eras. Existem duas forças que se batem. Existem a grande tensão. E no dia que só uma destas forças

dominar existirá a Idade Média Nova pois tudo aí será um caos pacífico pois não haverá mais desejo de competição e a ciência sucumbirá. E os homens tornar-se-ão espirituais e sexuais muito mais que agora. Qual das duas forças? Qualquer uma? Não importa qual! Ah! E daria na mesma se as duas forças sucumbissem, se houvesse a guerra e nesta guerra a população do mundo fosse reduzida a uma insignificância, ou então que não houvesse guerra e a população do mundo triplicasse, também aí as duas forças sucumbiriam. É porque: a quantidade altera a qualidade. Estamos no meio. Se houver a redução ou o aumento os problemas atuais desaparecerão. E nós nos encaminhamos para a Apocalipse. E ouçam esta história mais incrível e gloriosa do mundo!

AGUILAR O REI

(influência cristã ou anticristã ?)

(1. VERSÃO DO FATO)

E havia muitos cavaleiros. E uma tempestade pairava nos céus e as nuvens negras dançavam que nem estandartes. E as árvores altas e outras magras curvavam-se ao vento que vinha úmido de alguma praia cinzenta. E no céu as nuvens negras dançavam que nem estandartes. E uma tristeza infinita invadiu meu ser e a certeza de uma guerra provocou-me calafrios. E o vento era frio e vinha de alguma praia cinzenta qualquer. E os cavaleiros estavam tristes e os seus corações estavam solitários. E a estrada por onde seus cavalos pisavam era a mesma estrada da minha infância na qual eu havia brincado. E havia um castelo cor cinza e o vento beijava as pedras e tudo era cinzento, ah! era cinzento tudo! E as árvores pequenas e magras se curvavam que nem as grandes ao vento. E os cavaleiros foram entrando um a um dentro do castelo. Depois não houve mais ninguém lá fora, ninguém, só o vento e as nuvens que dançavam que nem estandartes. E surgiu depois de algum tempo uma mulher! Era Maisa! Ela veio se arrastando pois estava meia bêbeda. E suas vestes eram de seda e esvoaçavam com o vento. E Maisa chegou até a porta do castelo e parou e olhou para cima e viu as nuvens negras dançarem que nem estandartes reais e suspirou. E depois entrou no castelo. E lá dentro do

castelo havia uma enorme sala e os cavaleiros estavam lá e Maisa também acabara de entrar. E lá no fim da sala, lá na outra ponta, oposta à entrada, estava o trono e sentado no trono o rei Aguilar. Era uma sala triste, cinzenta, havia enormes janelas e através destas se via o céu cinza e as nuvens negras que nem estandartes dançarem. E o rei Aguilar sentado no trono tristonho e cabisbaixo e os cavaleiros também e a única mulher era Maisa e ela foi se aproximando aproximando do trono e sorriu para o rei e o rei para ela sorriu. Começou a chover lá fora, começou a chover uma chuva fina e garoenta, parecia neve caindo, eram gotas frias, muito frias que caíam. E algumas entravam para dentro da sala através das janelas enormes mas ninguém ligava para elas. E Maisa sorria tristonha. E o rei Aguilar estava entediado e todos os seus cavaleiros também. E o rei Aguilar falou: — “Daonde você vem?” E Maisa disse: — “Venho da estrada e chovia e era muito triste a estrada.” E Maisa estava sentada aos pés do rei agora. E olhava para o rei com olhos mais tristonhos do mundo. E o rei: — “Mas vejo uma tristeza tão grande nos teus olhos. Tudo é triste agora, mas conta-me o motivo desta enorme e impressionante tristeza...” E Maisa contou enquanto a chuva caía e os cavaleiros tristes e solitários de coração escutavam que nem o rei as palavras de Maisa que ecoavam pela sala enorme: — “Eu vinha pela estrada. Meu carro havia enguiçado e chovia uma garoazinha lá na serra e eu espirrei umas duas ou três vezes. Saí do carro para pedir auxílio para alguém mas ninguém apareceu. Há cada vez menos carros e menos pessoas pelas estradas. Durante duas horas fiquei esperando encostada no carro em pé na estrada sentindo a garoazinha da serra lembrando-me de um bilhão de coisinhas gostosas e tristes do passado. Eu já estava ficando conformada com o não aparecimento de alguém que já não estava ligando para nada. Ultimamente temos ficado, isto acontece comigo e penso que também com os outros, niilistas, desistentes de uma maneira nova, fitamos horas e horas olhando para a chuva e quase nos chegamos a alegrar com isso, uma alegria serena e solene, algo assim como a alegria de uma missa ou uma pomba voando. E eu estava assim a chuvinha caía, não aparecia ninguém, a serra estava enevoada, tudo cinza e um leve azulado pairava também no ar, eu encostada no carro olhando a névoa lembrando-me de um bilhão de pequenas coisinhas do passado tristes e gostosas. Ah! Foi quando apareceu um moço, um jovem e aqui meu querido rei e cavaleiros que ouvem tam-

bém esta narrativa aconteceu a coisa mais incrível e inesperada. Ouçam: E era um jovem com cara mais ou menos triangular e cabelos negros alto e magro e que tinha na mão um ramalhete de flores murchas. E eu senti tanta piedade pelas flores que tive um acesso de choro, incrível não é. Pois foi assim, e ele sorriu. Não sei por que mas eu chorei chorei tudo o que tinha que chorar e quase fiquei louca chorando pois não podia parar de chorar não podia! E ele sorria para mim e encostou sua mão na minha testa e uma alegria louca me invadiu e eu parei de chorar! Parei parei de chorar e comecei a rir de alegria! De loucura! De amor! E ele disse: — “Você é Maisa?” E eu disse: — “Sim.” E ele sorriu, olhou para o buquê e sorriu quase chorando, eu estava nervosa, apreensiva com não sei o que, mas aquelas flores murchas e coitadas, aquele buquê parecia representar um lindo sonho louco morto! Ah! Meu rei! Meu rei! Não sei explicar! Parecia ouvir risos de crianças de dentro daquelas flores! E eu disse: — “Você quem é?” Ele respondeu tristonho: — “O último comunista, o último infantil sonhador, perdido nesta noite da nova idade média, tenho que morrer, não sou que nem você Maisa que sempre pertenceu à idade média nova. Tenho que morrer assim o exige o poeta Mautner mitólogo e feiticeiro desta idade média nova. Eu ressuscitarei na carne de alguma criança, talvez. Mas esta minha encarnação tem que morrer. Estas flores murchas são meu sonho. Sou trotskista, o último, morrerei. Ela, a morte está perto, acho que quando esta garozinha acabar morrerei.” E ficou-se silencioso e eu desesperada fiz um montão de perguntas sem nexos, apreensiva, pois eu sentia que ele morrendo morreria algo meu também. Mas ele não pode morrer! Eis o tédio sem ele, eis a coisa mais nova e louca e chata e incrível e quadridimensional e... E meu rei e cavaleiros que me ouvem nesta sala triste e com janelas enormes onde a chuvinha entra é triste tudo isto. Eu não me comovo mais agora pois já passou o tempo disto, nem vocês. Nem vocês... Mas qual! Vocês nunca se incomodaram! Ou será que estou sendo injusta? Estou acusando meu rei!? Meu querido rei? Ah! Vocês são impassíveis! Vento, vento, chuva! E o jovem morreu quando a chuva parou, ele caiu aos meus pés e ficou morto e eu vi, eu vi! O último comunista morto! E eu peguei as flores mortas e murchas de sua mão crispada e coloquei-as na sua cara. E fui embora, deixei lá meu carro, carro para quê? Há cada vez menos carros e pessoas na estrada, e vim para cá, para o castelo do meu rei, do meu louco e que-

rido rei...” E terminada a narração houve o silêncio e parecia que o silêncio tinha eco tão grande era a sala. E o rei e os cavaleiros estavam imóveis. Houve depois um berro, com voz estrangulada, voz rouca, ríspida um dos cavaleiros, um qualquer gritou: — “Ó rei! Ó rei! Quando é que vem o menestrel? O poeta-mitólogo Mautner? Aquele que manda em todos nós e até em você ó rei? Quando é que vem o todo-poderoso? O teu contraponto talvez? O teu alter-ego em linguagem psicológica ultrapassada? Quando? Quando? Hem?” E outras vozes se ouviram e fizeram as mesmas perguntas, vozes roucas e ríspidas de cavaleiros cansados e maus talvez. E perguntavam a mesma coisa. Até que o rei gritou também: — “Silêncio! Ele virá! Eu sei que ele virá!... Sim, virá... penso que sim... sim...” E Maisa aos pés do rei não sei por que chorava e suas lágrimas numa imagem antiga eram que nem as gotas tristes e frias que caíam com a chuva lá fora, garoazinha de inverno louco.

AGUILAR O REI

(influência cristã ou anticristã?)

(2. VERSÃO DO FATO)

E então ele foi feito rei. Quando eu não sei. Ele foi feito rei e até agora é e manda em todos e até em mim que sou simples menestrel de sua corte. E ele é todo-poderoso. Um castelo e um sol que por vezes some para deixar que a chuva caia. Mentira! Sempre a chuva cai, cai, ela cai do céu e tudo está molhado e a noite chegou. O castelo está cheio de gente, é noite, chove chove e num toca-discos ouve-se uma melodia linda e bárbara de dois compositores loucos e bárbaros: Jobim e Vinícius. A cantora é a deusa Maisa. /Uma cidade a cantar, a sorrir a cantar a pedir a beleza de amar/ como o sol como a flor como a luz/ E lá fora, fora do castelo um carro chegou. E dele sai Maisa a deusa e cantora. E o rei Aguilar bebe em taça de ouro um pouco de sangue. Às vezes ele bebe vinho misturado com sangue, agora eu sei, e só sangue na taça. Ele ri, ele gargalha. Vou descrevê-lo melhor: ele é selvagem, primitivo, ri alto e é cínico, irônico, porém todos o adoram e ele na verdade é um rei, o rei! Ele é baixo, cabelos negros compridos e anda um pouco encurvado, tem olhar matreiro, mãos pequenas e bebe na taça de ouro um pouco de sangue caçoando

de todos, de todos que são seus súditos. Maisa chega. Entra no castelo. Molhou-se na chuva ao sair do carro para entrar no castelo. Ela diz: — “Chuva, eu não te xingo por você me ter molhado porque eu te amo!” E beijou a chuva, beijou o ar e as gotas que caíam portanto. E no castelo do rei Aguilar entrou. Ah! E tinha um sorriso de vampira a Maisa, a Monjardim louca! Cuidado com ela! E ela deu um berro: — “Uááá!” E o rei Aguilar perguntou: — “O que foi? Maisa! Gritaste? Por quê?” E ela caiu na gargalhada e sua cara foi cada vez mais parecendo cara de vampira, e na sua cara havia um milhão de lembranças de ruas molhadas pela chuva com árvores verdes e crianças brincando brancas ao sol e mar e Guarujá e violão, pois bem, Maisa falou: — “Rei Aguilar estou gritando porque me deu vontade e porque morreu alguém.” O rei Aguilar num sorriso matreiro e chateado: — “Sempre morre alguém!” — “Sim! Isto é verdade!” Retrucou Maisa, e continuou: — “Mas este é especial”. E houve o silêncio de cérebros pensando. E o rei: — “Quem é o... morto?” E Maisa novamente gargalhou com sua cara de vampira e gargalhou até que o rei chateado berrou: — “Chega! Chega! Quero saber quem morreu?” E Maisa parou de rir, pouco a pouco, sorriu de novo sorriso de anjo pois ela sabe sorrir que nem anjo e disse com voz escorregadia: — “Foi o último comunista!” E o rei disse: — “Ah !” E novo silêncio instalou-se por entre as frases. — “Ele estava morto” disse Maisa “e deitado na estrada e garava em cima dele e uma tristeza de milhares de anos e pessoas parecia pousada nele. E havia uma paz triste em sua cara e seus pés horrendamente duros e imóveis e havia flores ao seu lado, ao lado de sua cara e eu peguei as flores, arranquei-as do chão e coloquei-as na sua cara branca e com tristeza pesada em cima. E seus pés duros e imóveis. E seu corpo tão magro, jovem, até bonitinho! Não sei por que meu rei, mas ao ver aquele morto parecia que algo de meu morrer também.” — “Bobagem !” Disse quase gritando o rei e rindo. Maisa continuou: — “E sua roupa era simples e seus olhos estavam fechados.” E o rei: — “E você o que fez?” E Maisa: — “Eu fui embora. Não podia ficar mais tempo vendo aquele triste espetáculo! O último comunista morto! Eles eram que nem as crianças! Lembro-me deles, eram bandos de crianças carregando uma bandeira vermelha e cheguei até a ver um dia numa procissão Jesus ao lado deles sorrindo com benevolência. E eu que conhecia os pais deste último comunista!” — “Sim, eu também conheci os pais.” Disse o rei Aguilar. —

“Boa gente realmente os pais dele. E ele foi sempre até a morte também uma eterna criança. É, a vida é assim minha cara. Bem, agora se você me permite, vou ter uma conversa com o meu ministro de finanças. Ah! Estes negócios de Estado!” E retirou-se. O rei ia falar com o ministro? Ia nada. Era mentira. Não existia ministro nem nada. Só existia ele, o rei, o rei de todos, e nada mais. Rei e súditos. Nada nada mais. Rei de taça com sangue e súditos. Só. E por que dissera o rei tal mentira? Ora, de brincadeira.... eu não disse que ele era cínico? Ele estava brincando, contando algo da era antiga, do primeiro ciclo meu, tão antigo ó meu Deus! E Maisa quedou-se sozinha e um novo sorriso vampiresco aflorou em sua boca de deusa. Chuva lá fora chuvinha infinita e garoa louca e tudo estava mergulhado numa umidade louca. E havia alguém que corria em seu carro e ouvia um rock que o rádio do carro irradiava e o nome desta pessoa era Petrus. Petrus voava em seu carro. Chovia, estrada molhada, lamacentas, cinza, neblina, vento, vontade de correr e talvez de morrer. Petrus em seu carro! Maisa com sorriso de vampira e rei cínico e mandão e mentiroso em qualquer lugar fazendo qualquer coisa, talvez dormindo, tédio, sono, chuvinha boa de dormir e sonhar. Ah! Lassidão!

E a chuvinha caía e se arrastava pela estrada um sujeito chamado Arthur, era um pescador, um misto de camponês e pescador. Ele trazia quatro magros peixinhos pela mão e estava escuro e chovia. E Petrus voava em seu carro. E Maisa sorria que nem vampira e o rei Aguilar eterno dormia talvez. E o camponês-pescador se arrastava na estrada e carregava quatro magros peixinhos que eram magros que nem ele o pescador-camponês E que peixes tristes! Coitados! Tao magrinhos que nem o pescador-camponês! Miséria! Ah! Eu não posso escapar da realidade, do chão a chão, do duro, cruel, amargo, amor barato, sexo, mas verdade! Arrasta a verdade pescador que você pode ser São Pedro ou Arthur ou camponês-pescador que dá na mesma! Ah! Que esgotamento! Não! Tenho milhões de forças! Esgotamento nunca! Tenho energia para mover três bilhões de sóis! Um trilhão de corações! E energia para viver guerreando pela vida! Ah! Nostalgia bálsamo do outrora! Vento, vento, molha a minha cara de menestrel, molha com a chuva que você arrasta para mim, ao meu encontro, e ao meu encontro ela vem relutante, arrastada por você, empurrada, obrigada por você, vem para meus braços, molha a minha cara, solta seu espasmo, eu o meu, nós nos amamos, chuva! Irmã! Mulher relutan-

te como todas as mulheres e ao mesmo tempo bacante, bacante louca que se entrega com volúpia nunca vista! Ah! Volúpia e relutância! Vento, vento, você é o destino, a ocasião, a sorte! Ela, é a mulher, a Maisa, a chuva, minha mãe, minha irmãzinha loirinha Jane. Darei meu sangue pelo mundo! Vento, vento, amigo de outrora e de sempre! Chuva, chuva mulher incomensurável, mulher dengosa, molhada, úmida, escorregadia, que o vento traz, que relutante vem, já disse, mas digo de novo, vem relutante e com volúpia, finge que não quer mas quer, virgem e bacante, tudo, mulher! Chuva! Maisa! Mãe! Irmãzinha loira que eu amo e que diz coisas engraçadas de criança! Que em vez de água diz água. Quero água. Diz ela, diz minha loira irmãzinha que eu amo acima de tudo neste mundo! E os amigos? Os amigos são o mundo. E eu tenho um pai e uma mãe e um padrasto. Amo os três. Eles três me amam. Ah! Vida! E o vento trouxe uma bandeira que eu chamei de velha. Sim, é a bandeira vermelha!! Ela é velha e eterna que nem o amor de mãe, o amor de Jesus e por mais que eu diga nos transe de minha loucura que ela está superada eu sei que minto, minto com o coração cheio de dor, por necessidade do meu caos, mas logo depois minha querida bandeira volta, e voltam os sorrisos das crianças felizes e volta a imagem de um mundo novo e liberto e vejo Lênin e gente tocando jazz e ouvindo Beethoven e samba e cantando bossa—nova e velha e eu luto e fico feliz e choro. Pois esta é a realidade, a verdade simples do chão a chão, do simples! E é só!

E é só e um milhão de coisas...

Felicidade! Ah! Vento esquisito que és felicidade! Você nasceu de ondas marítimas estranhas, percorreste o oceano do sul ao norte e quiseste ir ao céu, quiseste gritar para cima, e descer aos infernos e quiseste portanto descer, mas não pudeste e então de agonia gritaste. Até que um homem cantou e a felicidade triunfou. São coisas tão confusas e fáceis que tudo se choca para conspirar e inspirar. Ah! Ventosas! Plumas e atabaques de uma vitória posterior! Dureza de opiniões! Fachos e tochas sem fim! Cordões não de isolamento mas de ligação, união, grudentos! De sexo, de líquido do espasmo dos dois entes: homem e mulher! Cordões de serpentinhas e confetis e folhas!

Círculos de fogo sem fim e cantos de macumba dourada e feliz! Opinião

rude, existencial, real, sem subterfúgios, (e os subterfúgios, ó os subterfúgios são tantos!) e com samba da Aracy e da Elisete e do Jorge Veiga. E milhões de outros! Sou brasileiro o que é que há? E o rei Aguilar dormia e a vampira Maisa sorria e Petrus navegava em seu automóvel e eu escrevo e o camponês-pescador anda com os peixes arrastando-se pela estrada.

(Mistura das duas versões)

(1a versão da chegada do menestral)

E depois de tudo isto eu, menestrel louco e doido da nova idade média e também da bandeira vermelha de Cristo. Viva Cristo! E sua bandeira vermelha. E Agnaldo Rayol estava cantando uma de suas músicas loucas e bárbaras, agora acho as musicas dele simplesmente bárbaras, antigamente eu apenas gostava delas e as achava boas, agora as acho bárbaras! E Maísa estava chorando e o rei Aguilar olhou para os cavaleiros e berrou: — “Cães! Já dormi! Acordem! O menestrel há de chegar logo!” E Maisa que estava chorando aos pés do rei falou: — “Rei, reizinho querido você dormiu?” E o rei disse: — “Sim, eu dormi.” E os cavaleiros estavam imóveis. E chegaria o menestrel? Eu? Logo? E Agnaldo cantava que nem louco suas loucas melodias. E o rei Aguilar estava visivelmente irritado não se sabe por quê. E a chuvinha caía avassaladora. E o menestrel andava na chuva. Ele se esgueirava por entre a multidão de vegetais que atrapalhavam a sua marcha e andava e andava. O menestrel tinha um bandolim na mão e cantarolava uma canção. E Agnaldo em qualquer lugar cantava também. E Maisa chorava. E o rei Aguilar estava irritado e Petrus voava em seu carro e quase não havia carros nem pessoas na estrada. Os cavaleiros estavam imóveis, desconfio até que dormiam. Eu, o menestrel cantarolava andando na chuva. E Arthur o pescador-camponês entrou em sua cabana e foi comer os peixes. Comeu três, antes de comê-los fritou-os no fogo, e o quarto ele guardou para dar para o rei. E descansou um pouco depois de comer. E olhava a chuva através da porta de seu barraco aberta. E olhava quase cochilando. Éta terra do sono! E a chuvinha caía fina e louca e fria e cinzenta e maternal e amante e bacante e caía caía e escorria que nem um samba-canção ou um beijo de mulher nas orelhas e sussurro de voz quente e rouca em microfone de prata e muita coisa mais, caía! E o

rei estava nervosíssimo pois esperava o menestrel que não veio até agora e outra coisa o preocupava, algo transcendental, mas também ligado ao menestrel. Que coisa louca! E chovia sobre a floresta cheia de musgo e sobre a estrada. E vejam só que coisa! Petrus corria em seu carro que nem louco e sem mulher a seu lado para beijar! De repente Petrus parou seu carro e resolveu dormir. Dormiu. Chovia na estrada e os metais de seu carro eram beijados pela chuva e não havia carros nem pessoas pela estrada. E Arthur também adormeceu cochilando. E Agnaldo cantava que nem louco e eu o menestrel cheguei no castelo. Eis que alegria houve! Cavaleiros e rei e Maisa todos se levantaram e quando eu passei matreiro e grave todos se curvaram e respeitosos murmuraram; — “Ele é grande... grande... grande...” E eu dirigi-me ao rei e fiz uma rápida vênica e disse: — “Majestade, aqui estou eu, teu menestrel querido e dedicado servo...” Houve murmúrios de gargalhadas por parte de alguns cavaleiros. Maisa estava grave. O rei estava um pouco embaraçado. E eu só, só eu sorria satisfeito e satisfeito e seguro de mim. Também pudera! Eu era o menestrel, o todo-poderoso menestrel! Ah! Ah! Ah! Velha risada! E eu disse: — “Rei, rei, altíssimo rei sente-se.” E sentou-se o rei. E disse eu ainda: — “Sentem-se todos!”. E todos se sentaram num relâmpago de tempo. E eu, só eu fiquei de pé. E eu disse com voz melancólica: — “Só o vosso menestrel, vosso empregado mais humilde e baixo há de ficar em pé, há de ficar em posição de desigualdade para com vocês, pois vocês são altíssimos e eu baixíssimo! Ah! Ah! Ah!” E o rei me perguntou: — “Mautner, se me permite uma pergunta, é verdade que você escreveu algo para ser levado aqui entre nós? Uma peça de teatro?” E eu, o menestrel respondi: - “Bem, não é bem uma peça, são dois trechos, dois restos de peça que eu escrevi na longínqua terra de X...” E o rei disse: — “Mas ainda assim quero ouvir estes trechos menestrel! Tudo que você faz é bom!” E aí eu menestrel sorri e continuei a falar: — “Maisa a teus pés ó rei é uma coisa estranha de se ver! Ela é uma deusa, uma mulher que sabe de tudo sem conscienciarizar tudo. Maisa uma deusa! E é a ela nestes dias de chuva que eu dedico estes dois trechos. Mas antes quero que todos prestem atenção na louca chuva que cai lá fora! Esta chuva é sagrada e um milhão de coisas ainda vai acontecer por causa desta chuva!” E todos olharam para as janelas enormes. E eu então gritei: — “Fiquem olhando! Fiquem olhando para a chuva que enquanto que vocês olham eu vou lendo os dois trechos e

vocês imaginam tudo com chuva caindo na frente dos olhos e umidade penetrando na carne!” E todos olhavam como que magnetizados para a chuva e eu li, li isto que vem aí adiante: dois trechos. Chovia e tudo estava cor cinza.

(um trecho de qualquer peça)

Rei: Sou um rei sem reinado há muito tempo. Olho este mar e sinto uma volúpia antiga a me estragar as carnes. É a sedução do espaço, dos ventos, do sonho e do antigo que retornará mais violento e forte do que antes! Quando eu me lembro dos campos em flor beijados pelo vento, pelo vento antigo que também me beijava tanto! E o sol, o sol quente e forte que brilhava e queimava as flores e a minha carne! Quanta falta fazem os heróis! Quanta falta fazem os heróis que gritam e são jovens e têm a carne molhada pelo suor e pelo sexo e são audazes e loucos e são jovens! Heróis! Heróis! Agora só existe o vento, esta praia que vejo, o mar e alguma mulher por aí. Interessante, talvez feiticeira, esta interessante mulher. Mulher: Feiticeira? Eu? Logo quem... pode ser. Sim, sou feiticeira, agrade-me e eu agora o sinto: sou feiticeira! Vento triste de uma tarde triste. Meu querido rei, você quer ouvir uma música e um violão? Minha voz e um violão? Agora o tédio esvoaça prazeroso, logo mais à noite cantarei com a minha voz rouca e meu violão generará notas tristonhas e você se lembrará de coisas antigas, passadas, coisas do tempo em que você ainda era rei, rei, rei! E não um fantoche! Ah! Ah! Ah!

Rei: Chega! Basta! Feiticeira cruel! Criatura que é má, é má, é muito má mas que eu gosto! Ó eu te amo que nem o mar, a chuva, o vento, o sol e a volúpia da lembrança, porque você é tudo isto, é o mar, a chuva, o vento e sol e a volúpia da lembrança e é a carne. Tudo isto você é. E você ama um velho rei.

Mulher: Sim, eu amo um velho rei.

Rei: Um rei que espia o mar e sente o vento e chora por coisas passadas que retornarão mais fortes do que nunca! Eu não te conheço bem, mulher, te conheço mal, te conheço pouco, não, não te conheço!

Mulher: Mas eu te amo!

Rei: Mentira. Esta é a maior mentira. Você nem mulher é, você ainda é criança pequena, ainda é adolescente, é linda, mas é criança! Quantos

anos você tem?

Mulher: Tanto faz. Idade importa?

Rei: Você é criança.

Mulher: Dezesete!

Rei: Ah! Ah! Ah!

Mulher: Por que você ri?

Rei: De felicidade. Adivinhei, mas eu te amo, eu te amo criança adolescente mulher! Mas este vento que sopra está ficando trágico e algo me diz que vai chover. Mas a chuva não cairá aqui. Ela vai cair lá ao longe e lá ao longe nós a veremos cair. Será uma nuvem azul, negra em cima das ondas do mar despejando a sua urina para baixo, para as ondas, para o mar, e o vento vai soprar! Eu estou tão só princesa!

Mulher: Então sou princesa?

Rei: Toda mulher jovem é princesa.

Mulher: Que bom! Que lindo! Mas você soube? Você sabia? Chegará aqui hoje um cavaleiro que terá uma pluma vermelha em seu capacete e que terá os olhos mais lindos do mundo e acontecerá algo estranho, importante, divino!

Rei: Eu sabia! Algo iria acontecer! É o retorno! É o vento da volta! Ah! Ah! Ah!

(Surge um pagem).

Pagem: Eu estava sonhando e vi um peixe. Decidi pescar o peixe, ele estava na água azul e era dourado. Lindo, lindo este peixe! Ah! Bondoso rei estou ficando desesperado!

Mulher: Lindo pagem loiro, porque a tristeza?

Rei: A tristeza é a dona da vida. Deixe-o, ele é triste.

Pagem: Ah! Agonia que devora, devora...

Rei: Vento da nova esperança!

(outro trecho de qualquer peça)

(Mulher que está só no palco)

Eu estou só no palco. Quero viver! Quero dançar com um homem que me queira bem! Viva a alegria! Estou só no palco e esta luz branca machuca meus olhos. Ah! Como é bom viver! Imaginem se existisse um mar logo

aí adiante! Uma água azul e linda de se mergulhar e um milhão de peixinhos e um homem, ah! um homem que me queira bem!

(Entra um homem) (É um pescador).

Homem: A senhora quer um peixe? Estão fresquinhos. Pescados agora.

Mulher: Estão fresquinhos é? Quanto é cada um?

Homem: Cem cruzeiros.

Mulher: Cem cruzeiros! É muita coisa!

Homem: Se não quiser não compre. Eu tenho quem compre.

Mulher: Quem é esta criatura louca?

Homem: O meu amor.

Mulher: Só mesmo assim, só mesmo por amor.

Homem: Bem, até logo.

Mulher: Até logo. Até logo.

Homem: Mas antes que eu me retire. A senhora sabe o que aconteceu na estrada, a alguns metros daqui?

Mulher: Algo aconteceu?

Homem: Um desastre. Alguém morreu. O carro era bonito. Bem, é só. Até logo. (Vai embora).

(Mulher só no palco de novo).

Mulher: Aconteceu um desastre! Que coisa! Será que alguém morreu? Alguém que eu conheça? Mas como é bom viver! E não ligar para os desastres que ocorrem! Será! Será? Que eu conheço a pessoa do desastre? Ah! Eu não devo pensar nestas coisas. Não! Não! Não!

(Entra um outro homem. Entra um homem de calças blue-jeans, descabelado, sujo de graxa. Um pouco ensanguentado.)

Homem: Estou ferido um pouco e com sede. Ah! Mulher quero água! Ou o leite dos teus seios!

Mulher: Meu Deus! É ele! Está ferido!! O que aconteceu? Ah! Não o que aconteceu eu já sei! Foi o desastre! Meu Deus! Que coisa horrível! O senhor está muito machucado? Está muito mal? Dá para aguentar?

Homem: Ora, mulher. Isto não é nada, é uma feridinha sem importância. Mas eu estou é com sede. Quero beber.

Mulher: Mas não existe água por aqui!...

Homem: Então quero o leite dos teus seios!

Mulher: Mas eu não conheço bem o senhor! Conheço mal, na verdade

muito mal.

Homem: Daonde é que você me conhece?

Mulher: Ora, então o senhor não se lembra? Há poucos instantes ainda o senhor passou com o carro e assobiou para mim, buzinou, parou o automóvel e eu não liguei!

Homem: Não. Não me lembro!

Mulher: Puxa!

Homem: Eu mexo com tantas mulheres que eu esqueço depois.

Mulher: Pois agora não te dou leite!

Homem: Mulher má.

Mulher: Mulher má não, mulher mulher, isto é orgulho!

Homem: Então deixa eu beber dos teus lábios. Um beijinho não é tão má coisa assim, não?

Mulher: Está bem, um beijinho vai. (Beijam-se.)

Mulher: Pronto!

Homem: Ah! Minha sede já está um pouco saciada!!

Mulher: Ah! O homem!!

(2a.versão da chegada do menestrel)

E o menestrel andava na chuva e andou tanto! E chovia e as árvores eram verdes e o menestrel que sou eu andava na chuva e seus olhos, meus olhos, estavam cheios de água. Lágrimas e chuva a eterna combinação. E foi quando vi ao longe o castelo do rei. E me aproximei. E fui para lá. Sabia que o rei e os cavaleiros e mais alguém esperavam por mim. E entrei todo molhado e com o meu bandolim na mão. E todos se curvaram quando passei. E eu molhado disse para o rei e para Maisa que estava sentada aos pés do rei: — “Meus camaradas! Estou ficando louco! O comunismo está morrendo mas de novo surge a luta terrível entre Cristo e o anticristo e eu já nem sei qual deles é Cristo e qual é o anticristo! Ah! Ah! Ah!” E fiquei rindo e rindo que nem louco e histérico. A BANDEIRA VERMELHA É CRISTO! É? NÃO É? ESTAS COISAS NÃO IMPORTAM? ISTO MESMO! ESTAS COISAS NÃO IMPORTAM! TANTO FAZ E TANTO FAZ E VIVA O CAOS! ESTOU FICANDO LOUCO! TODAS AS PALAVRAS QUE EU DISSE ACERCA DA U.R.S.S. E SOBRE O COMUNISMO SÃO PALAVRAS FALSAS DE LOUCURA E DOIDICE! POIS O CAPITALISMO PRESERVA A

LIBERDADE DO INDIVÍDUO! E VIVA O CAOS! E VIVA A REALIDADE ONTOLÓGICA QUE É MUITO MAIS QUE TUDO ISSO, QUE ESSAS BABOSEIRAS IDIOTAS DE COMUNISMO! O QUE VALE É PESQUISAR O SER!

E MAIS UM RECADO! NÃO EXISTE NEM PRIMEIRO NEM SEGUNDO CICLO! TUDO É A MESMA COISA: É A LUTA DO CRISTO E O ANTICRISTO SEM EU SABER QUEM É O CRISTO NEM QUEM É O ANTICRISTO! PARA VOCÊS VEREM A SITUAÇÃO DO CAOS MODERNO!

E POR ISTO VIVA O CAOS! E O IMPERADOR JOÃO! E AGORA DIREI QUE SOU: DEMOCRATA-SOCIALISTA-COMUNISTA-ANARQUISTA-FASCISTA-LOUCO! Ah! Ah! Ah! E CRISTÃO! E POR ISTO JÁ NÃO HAVERÁ NEXO EM TUDO QUE ACONTECER! POR ISTO QUE QUANDO EU DISSE QUE O RACIONALISMO MORREU ELE TALVEZ MORREU MESMO PORQUE: FICOU LOUCO!

E meus livros não têm fim como não tem fim a minha agonia! Parece que entrei em nova fase, pois admito agora o Cristo e o anticristo sem saber porém quem são ambos. E Viva os U.S.A.! E a velha Inglaterra! E viva tudo e viva o chico barrigudo! Caos! Coisa nova venha para meus braços me abraçar! Ah! Ah! Ah! Meus livros podem ser lidos separados, juntos, rasgados, queimados, triturados e cuspidos e incensados com glória que dá na mesma, escrevi, desabafei, e fiquei cada vez mais louco! Ah! Ah! Ah! Maisa estava tranquila com seu sorriso de vampiro e o rei Aguilar estava dormindo? Estava sonhando? Estava fazendo o quê? E os cavaleiros? E todo mundo? Ah! Ah! Ah! E o rei chorava e ria. E Maisa saiu do castelo correndo e disse para mim antes de sair enquanto o rei adormecia de novo e os cavaleiros imóveis suspiravam baixinho! — “Mautner agoniado supremo, Novo Nietzsche, Nietzsche da América Latina, diga, diga, você sabe um automóvel aonde há?” E eu disse fazendo careta pois estava louco louco de pavor e tudo: — “Sei, sei, há um carro, acho que é do rei, mas o rei nunca sai, tem gasolina, está atrás da cocheira dos cavalos reais. A chave dele está nele.” E Maisa saiu voando arrastando seus véus de seda e eu fiquei lá sofrendo olhando o rei e os cavaleiros. E a chuva e eu gritei: — “Viva o presidente dos U.S.A!” E chovia.

E era uma estrada encharcada e árvores tristonhas eram verdes e existiam ao lado da estrada. E aquele cavaleiro cavalgava naquele cavalo cor de fogo ou dourado, qualquer coisa assim. E o cavaleiro era alto e magro e tinha uma espécie de armadura. Tinha uma lança e cavalgava

solenemente e parecia um raio de sol andando na chuva mas gostando também da chuva, compreendendo a sua imensa tristeza. E o seu nome era São Jorge, ou Ogum, o cavaleiro o guerreiro de Deus. E São Jorge cavalgava que nem um raio de sol e encontrou um automóvel que corria mas que parou ao ver tão estranho cavaleiro. O carro parou e dele saiu Maisa gritando gritando que nem louca: — “O comunismo morreu! O comunismo! Morreu! Morreu esta nojeira em Mautner! Em Mautner nosso poeta-mitólogo! Morreu! Ah! Ah! Ah! E você quem é estranho cavaleiro dourado?” E São Jorge falou: — “Eu sou São Jorge ou Ogum e sou xará do mitólogo e feiticeiro e digo a você: O COMUNISMO NUNCA FOI CRISTO, O COMUNISMO É O GRANDE INQUISIDOR DAQUELE ESCRITOR RUSSO DOSTOIEVSKI E É O JESUS-DRÁCULA DO MAUTNER, POR ISTO DEUS ME MANDOU PARA A TERRA NOVAMENTE POIS CHEGOU A MINHA HORA.” E houve silêncio e só minhas queridas e loucas gotas caíam. E São Jorge sorrindo falou: — “Sim minha filha, morreu o comunismo, ah! ah! ah!” E ao longe um castelo havia. E Maisa disse: — “Vamos para a minha casa São Jorge?” E São Jorge falou: — “Vamos.” E foram. Mas antes São Jorge disse: — “Mas de cavalo e armadura é obsoleto. Vou transformar-me em jovem de blue-jeans.” E pôs a lança de lado e rezou para Deus e Deus transformou-o em rapaz de blue-jeans. E o cavalo também sumiu e Maisa bocejou e os dois entraram no carro. São Jorge e Maisa dentro do carro.

E São Jorge e Maisa se beijaram. E mais eu não conto. E chegaram na casa de Maisa mas esta havia pegado fogo e os dois olharam estupefatos para a casa queimada. E Maisa riu e Ogum também. E então choveu mais forte. E Maisa virou uma mulher qualquer. E Ogum também virou um homem qualquer e então os dois praticaram o ato sexual ali perto daquela casa da Maisa que já não existia queimada. E foi lindo o ato sexual! E depois de tanto tempo este ato foi feroz porque foram vários atos, várias vezes os corpos tremeram e gozaram. Ah! Ah! Ah! E tudo isto perto da casa queimada e chovia chovia que nem chuva louca a chuva que caía e o carro estava lá e foi em parte dentro do carro que eles se amaram e em parte lá fora, ao ar livre, fora do carro. E que lindo o amor! E depois muito depois de se amarem saíram com o carro e foram comer em algum bar por aí. E os bares eram raros como raras eram as pessoas e os carros pelas estradas e também pelas cidades. Já disse! Digo de novo. Ah! Ah! E chovia

chuva gostosa que caía no vidro do carro e eles foram. Comer. E comeram hot-dog's. E beberam coca-cola. E Viva o presidente do mundo! E depois de comerem se amaram de novo. Eu não disse que eles tinham muita energia? E como se amaram! E desta vez foi ao lado de um ex-campo de futebol. Ex. porque não tem mais futebol, ninguém mais joga e só vivem raras pessoas. E foi lindo! Depois o sol nasceu.

(3a versão da chegada do menestrel)

E havia na estrada andando um menestrel com toda a alegria de Jesus em seu coração e toda a tristeza da amargura também. Ah! E caía aquela chuvinha fina e ele chegou numa cabana e pediu pousada e lhe deram. Era uma velha que vestia roupa amarelada de tão suja e que tinha um chale no pescoço e lenço nos cabelos e era pobre e tinha olhar triste muito triste. — “Vou ao castelo do rei” Disse o menestrel e a velha respondeu enquanto se agachava para pegar algo que caíra ao chão: — “É longe daqui o castelo do rei. — “Eu sei” retrucou o menestrel que sou eu, e disse com voz rude parecida com o vento frio que soprava: “mas tenho que ir, tenho que ir...” E a velha disse: — “Vou trazer logo a comida. Espere um pouco.” E eu sentado na cadeira esperei. E vi através da janela, lá fora, lá na chuvinha fina e branca que caía um animal, um veadinho lindo e pequeno em pé comendo algo do chão. E meus olhos se alegraram por momentos pois era bonito ver um veadinho na chuva. E eu me levantei da cadeira para espia-lo mais de perto, para debruçar-me na janela e vê-lo bem perto mas ele percebeu qualquer coisa e fugiu. Sumiu no mato escuro e cheio de vegetais e só ficou a chuvinha caindo na chuva que já tinha caído no chão e enlameara a terra e fizera brilhar a grama e as pedras do chão.

E a velha me trouxe a comida e eu comi e agradei e fui embora naquela chuvinha que parecia neve. E andei. E eu tinha que ir ao castelo! E eu ia chorando e chorando. E eu sou místico, sou Berdiaeviano. E eu fui para o castelo e lá não encontrei ninguém. Estavam todos dormindo. E eu também dormi. Foi lindo dormir! É lindo dormir! E no sono eu ouvira o Chet Baker cantar o “My ideal”. E havia um milhão de estrelinhas e musgos e cogumelos e anões e fadas e folhas coloridas a dançarem pelo ar e pelo

espaço. E então eu sonhei com um bilhão de coisas e principalmente com esta, este sonho me ficou na memória, talvez eu o conto um pouco modificado mas foi assim:

“Eu estava num caminhão e o caminhão virou roda e a roda virou melancia e eu caí em cima de milhões de estrelas e vi palmas palmas palmeiras verdes e fosforescentes queimadas pela lua. E bebi laranja e vi Maisa, Maisa cantava num microfone de prata que nem a lua e a lua era o microfone e o Céu era Maisa e eu sonhei dentro do sonho um outro sonho diferente e assim por diante. Ah! Que laranja gostosa!”

Que tal só sonhar assim? Lindo!...

EU SOU INDEPENDENTE! SOU LIVRE!

Existe uma fé em nós e esta fé pode ser levada para qualquer caminho, mas o diabo é que ela teima em achar o seu próprio caminho dentro de sua independência e de sua terrível liberdade.

Eu sou sambista.

HISTORINHA

A chuva que caía era essencial ao desenrolar dos fatos. A chuva que caía era chuva de verão. Os dias de sol de verão são tão apreciados e queridos porque sempre existe o perigo de cair uma chuva e acabar com o dia de sol. A chuva de verão faz a gente gostar muito mais dos dias de sol e de céu azul. A chuva de verão é a mais legítima das chuvas. Por isto que ela é bela, ela tem cheiro de carne e por isto é humana, ela tem pureza e celestialidade porque cai do céu. O cinzento da cor dela pode ser tristeza ou alegria. Às vezes a tristeza e alegria confundem-se. A vantagem que os homens têm sobre a chuva é que eles têm o amor. Tanto o amor puro que é um pouco mais do que a celestialidade e pureza da chuva e o amor carnal que é um pouco mais que o cheiro de carne da chuva. Depois vem a beleza. Aí os homens também levam vantagem. O perfeito tem que ter cheiro de carne, amor puro, amor selvagem de carne também e muita beleza.

O moleque voltara para o seu quarto e ficara parado no meio dele. Ele estava de camisa vermelha, calça azul e as cortinas cinzentas esvoaçavam.

Ele estava triste e não queria pensar em quase nada. Ele ficou parado no meio do quarto e era gostoso ficar parado no meio do quarto. O quarto era bonito e ele era bonito e a chuva era cinzenta. O quarto era um retângulo por onde entrava o furacão. O retângulo era varrido por uma mistura cósmica poderosíssima que era o vento, as gotas geladas e concretas, e o frio.

Era uma força primitiva que entrava pela janela e parecia furar as paredes no outro lado como se elas não existissem e continuar sua trajetória espaço afora. Nessa massa cósmica também havia algumas folhas verdes. O moleque abriu a sua camisa e ficou de peito nu. A massa cósmica bateu na carne morena do peito nu. A massa cósmica aumentou de velocidade e fúria. Algumas folhas verdes bateram no peito nu e ficaram grudadas. A massa cósmica gostava de bater no peito nu do moleque. A massa cósmica e o peito nu eram quase iguais. Eram morenos e tinham cheiro de carne.

Depois o moleque foi até a janela. A fúria do vento abrandou. A massa cósmica perdia a força primitiva. Mudou para um compasso lento e rítmico e plástico. Era monótono e envolvente. As folhas verdes se desgrudaram do peito do moleque e caíram no chão. A chuva não era mais de gotas grossas mas era de gotas finas. Elas eram finas e penetrantes. O moleque saiu da janela e fechou a camisa.

II

E desceu para a rua e na rua viu uma loira, uma menina meio apagada e tristonha que nem ele. E ele a conhecia, e ela era a sua vizinha e ele gritou: — “Ei! Menina! Sou eu!” E sofregamente correu ao encontro dela. Tudo estava molhado e cinzento, e a loira olhou para aquele moleque que corria ao seu encontro. Ele estava descalço e corria sobre o chão molhado.

III

E os dois ficaram falando e rindo no meio da rua e da chuva. Os dois ficaram muito molhados. Eles estavam felizes. Depois que perceberam que haviam se molhado foram se abrigar debaixo da árvore mais alta e mais

verde da rua. Debaixo da árvore também chovia. Mas isto não importava. E continuaram a falar e rir da tolice de se terem molhado.

IV

Blim-blim-blim, é assim que faz a bateria simpática e a música de natal. E os dois se amaram. E ele disse para ela: — “Vamos andar pelo mundo? Andar e se amar! Vamos abandonar este bairro bonito das árvores verdes. Vamos andar pelo mundo!” E ela aceitou. E se deram as mãos e foram por aí. Saíram do bairro bonito das árvores verdes e foram parar na estrada enorme e de piche muito preto onde chovia muito. Mas de repente a chuva parou. E houve um céu cinzento. Muito muito cinzento. E eles andaram.

V

E a chuva parou e eles ficaram a sós na estrada: sem chuva amiga. E pediram carona para um carro que passou naquela hora e o carro carona não deu. E chegaram num lugar onde se vendia “hot-dog’s” (cachorro-quente) e verificaram que não tinham dinheiro e pediram de graça e o vendedor de “hot-dog’s” quase que os xingou. E nem água para beber do céu eles tinham pois a chuva acabara! E para finalizar: quatro indivíduos vestidos totalmente de preto se encaminharam ao encontro deles com intenções acho que horríveis. E eles correram, correram de mãos dadas. E escaparam dos indivíduos de preto porque correram muito e porque tinham mais ligeireza que os indivíduos de preto pois eram jovens, agilidade! E então o moleque falou: — “Vamos voltar para o bairro bonito das árvores verdes?” E não chovia, estava tudo cinza mas não chovia. E a loira disse: — “Vamos.” E foram.

VI

Primeiro soprou um vento. O vento trazia gotas. O céu estava negro e as árvores verdes estavam cinzentas. O espaço estava cinzento e agitado. Clarões que ainda não eram relâmpagos assustaram os pássaros. Uma tristeza antiga e pesada. Depois de repente o vento parou e parecia estar

fazendo calor. Depois de repente ele começou a soprar e as gotas geladas com ele. Ainda não estava chovendo. Parecia que o vento subia lá para o céu e arrancava algumas gotas das nuvens e depois descia para a terra e ficava soprando e empurrando estas gotas pelo espaço. Depois quando as gotas se desfaziam e evaporavam ele subia de novo para o céu para buscar novas gotas. Era nesse tempo quando ele subia para buscar as novas gotas que parecia estar fazendo calor. Ele estava lá em cima buscando novas gotas e por isto não havia vento na terra e parecia fazer calor. Depois de repente ele voltava. Parecia que ele estava apressando a chuva e convidando-a a cair. Depois choveu. As gotas caíram e eram muitas e quanto mais chovia mais negro ia ficando o céu e cinzento o espaço. O vento agora soprava entre as gotas e toda a vez que um relâmpago gritava parecia cair mais chuva depois do grito. Depois do clarão vinha o grito e depois do grito vinha um montão de água que não era mais um montão de gotas mas era um rio. Depois caía de novo a chuva de gotas e o rio sumia. É que quando um relâmpago rasga os ares ele fura as nuvens e a água que existe lá dentro escorre de uma vez ao invés de cair aos pouquinhos em forma de gotas. É por isto que depois de cada relâmpago cai um rio de água. Quando não chove e os relâmpagos existem não cai nenhum rio de água. Muitas vezes acontece isto. Não chove mas há relâmpagos e não cai nenhum rio de água depois do grito do relâmpago. É que o relâmpago fura as nuvens mas elas ainda não contêm a água. A água ainda está sendo fabricada. É uma anteágua que existe nas nuvens. Por isto que quando não chove e há relâmpagos também não cai nenhum rio de água. A chuva é o primordial. Se não chove não adianta os relâmpagos furarem as nuvens que não cai nada.

Eles chegaram no bairro bonito das árvores verdes e chovia quando eles chegaram. Os dois ficaram parados na chuva e a chuva os molhava e eles gostavam disso. Tudo estava cinzento e o moleque disse: — “Nós voltamos e aqui tudo é bom e ameno e a chuva voltou e nós conhecemos esta chuva. Quero bebê-la de novo. As gotas frias são minhas irmãs.” E a menina loira respondeu: — “Vamos logo para casa. Lá não chove e poderemos comer alguma coisa. Estou com vontade louca de comer pão! Quero comer pão, te amar e ficar no seco.” E o moleque disse: — “Eu te adorarei pelo infinito a fora. Nosso amor se desenrola agora que nem uma flecha com velocidade e destino indefinidos. Nosso amor avança e avança e é

só. O fato supremo está nele avançar. É o movimento constante e inexpugnável e reto. A flecha é um risco negro rodeado de brancura e azul. Ela se movimenta. O movimento dela é que vale. Se não fosse o movimento não existiria nada. O fato de existir é sentir na carne as coisas do mundo, imaginar todas as coisas e movimentar-se que nem um furacão. O essencial é não ter medo de nada. É deixar o pensamento mergulhar no mais negro dos absurdos com a força e a alegria de um furacão e do sorriso de uma criança. Tudo é movimento. Tudo se sacode, geme, maltrata, grita, se desprende e se perde no espaço. Esta é a fase final e almejada. O amor ultra-livre que é movimento luminoso. A luz é o amor do céu. Ela não é matéria nem nada: ela é movimento. Luz, chuva, amor, você. Deixai que eu siga meus passos! E junto comigo se vá aquela criatura que escolheu a vida do movimento e do amor. Que se percam as esperanças vãs. Só a luz, o movimento, a chuva e a carne e o amor e Jesus Cristo existem.”

E o moleque falou bem, falou tão bem que eu desconfio até que quem falou isto foi um me-nino de dezessete anos ou mais. Mas não importa. O que vale é o amor. E os dois foram amar. Só eu que não fui, eu, eu, eu que não fui! Ah! E bato à máquina estas coisas loucas e morro de tédio e um mi-lhão de coisas. Mas há uma esperança que brilha que nem a chama de uma vela teimosa. E Chet Baker é magnífico cantando canções! Chuva cai sobre mim e consola um pouco teu irmão poeta.

Verdadeiramente o desespero é grande. Ninguém dá muito valor para o artista. Lembro-me de um sujeito que disse: — “Artista? Mautner, você tem que concordar que vocês artistas são uns pobres coitados que estão aí para nos divertir. Por que você não faz algo mais construtivo?” Quem falou assim foi um futuro dono de fábrica, um filho de tubarão. Um burguês. Ah! Quantos ódios! E mesmo assim sujeito eu a trovoadas políticas. Sou eu, na minha imensa covardia e covardia. E coragem? Eu, só escrevo, não posso continuar assim. Meu pai diz que sou vagabundo e minha mãe... Ouço cool-jazz e o sono e o tédio me dominam. Se eu me suicidar a culpa será de...

Eu sou socialista que nem o Juca Chaves! Quisera ser que nem Juca Chaves um socialista! Mas eu tenho visões futuras de algo mitológico e místico que eu tento conciliar com o socialismo embora sabendo que o socialismo é a razão. São questões loucas. Manhã cinzenta e eu escrevo ao léu e tenho tanta coisa a dizer! Eu queria trabalhar, guiar caminhão, ser pilo-

to. Mas me tiraram a vontade de tudo, na verdade não sei, acho que algo ou alguém me arrancou o ânimo de fazer qualquer coisa a não ser escrever que nem um condenado a bater estas teclas que nem uma bateria de jazz numa sonolência ou numa fúria conforme o ritmo do momento da minha psique. Ah! Que coisa o ópio, a cocaína, a maconha, a bebida! Eu já entornei várias garrafas goela abaixo, não tantas quanto o Vinícius diz que entornou mas já foram bastante. Agora há tempos que não bebo. E o menestrel estava chorando furioso por causa da crise de descobrir algo novo e se desligar (pecado!) do socialismo! Pelo menos até agora: vamos ver. E a sonolência, o sono é uma proteção. É a fuga para um mundo onde tudo é bom o quentinho da cama, a ilusão e fantasia sem limite do sono! Ah! Se meu editor editasse meu livro! Eu trabalharia dia e noite num jornal, faria tudo relativo a escrever e inventar! Ah! Já me chamaram de escritor fracassado! Este tempo cinzento é louco, chama o meu coração para loucuras doidas. Me lembro de ter conhecido o Juca Chaves, foi lá na Augusta. Ele disse: — “Vai me ouvir lá no Lancaster, vai que é bom, você ia gostar. O uísque lá não é caro não. Nietzsche? Não. Prefiro o Marx. Sou Marxista.” E eu fiquei boquiaberto. E ele sorriu com ironia. E chovia uma garozinha lá fora. Eu e o Juca estávamos numa loja de discos. E alguém ao nosso lado disse: — “Eu fiz uns sambas falando de play-boy!” E o Juca comentou: — “É? Você vai entrar bem, eu também tinha feito um montão e a censura não deixou passar. E o povo não gosta. Ele fica com raiva. O povo não gosta de play-boy.” Depois desta conversa não vi mais o Juca, quero dizer: não falei mais com ele. Só o via aqui e ali de vez em quando ao longe já muito famoso e querido passar pela rua. Ele nem me reconhece mais. A última vez em que de longe notei a sua presença foi lá na U.E.E. (União Estadual dos Estudantes), ele telefonou para lá e mandou dizer que faria uma música falando do aumento de taxas e coisa assim qualquer. E meu pai ao saber que eu sou voluntário de Cuba me deu uma bronca. Ele estava nervoso, sua pressão alta fazia seu coração bater depressa e ele tem mais de sessenta e cinco anos. E me proibiu de participar da passeata a favor de Cuba. Eu não fui. Ultimamente não sei o que tem acontecido comigo. Acho que vou me suicidar. Meu pai disse que era tudo mentira que eu escrevo pois eu sempre disse a ele que eu já tinha ultrapassado o comunismo e que a minha literatura e filosofia eram coisas de uma nova era. E ele disse que eu era falso pois se eu era

de uma nova era como é que eu tinha me alistado como voluntário? E até disse que eu era do partido comunista. Ridículo. Sou independente e anarquista... sou? E minha última liberdade é o suicídio. O que querem de um fracassado, coitado, burguês que tem visões? Ah! me suicido...

É que eu não estava em casa e telefonaram para casa lá da U.E.E. e meu pai atendeu e disse: — “O Henrique não está.” E a moça da U.E.E. então falou: — “Não está? Então o senhor pegue no lápis e tome nota: o Henrique é para passar aqui amanhã para pegar o material. É só.” E desligou. E meu pai ao me contar disse: — “E esta voz que comigo falou em tom autoritário eu a reconheço: é a voz universal dos comandos, é a voz do partido, qualquer partido, eu lá na Áustria nazista ouvi muitas vezes esta voz. Você está no partido, você é uma máquina, pode sair de casa não vou sustentar um inimigo meu.” E eu não saí de casa, sou covarde que nem um rato, não fui na passeata. O material que eu tinha que pegar eram faixas e cartazes. A garoa está caindo feito louca e ela é a minha única amiga. Encontrei, conheci uma loira chamada Teresa que é uma vampira direitinha! Garoa cai e tristeza vem, Maisa o que estará fazendo agora? Não! Não caí no “aparát” de nenhum partido. Sou um independente e se o totalitarismo vencer irei para o mato, Amazonas e lá viverei que nem louco e solitário ou com quem quiser ir comigo. Sonhos... E as canções cantadas pelo Chet Baker são irmãs da sonolência e dos entorpecentes. É uma nova dimensão! Ah! Eu que sou presa fácil dos desvios e vícios de uma civilização decadente! Decadente? Viva! Viva? Ah! Ah!...

/Like someone in love/ É a morte a maior verdade ou o amor? O vento que sopra e traz a chuva é um vento que nasceu do mar e vem das espumas brancas e do resto cinza e quem sabe também bateu de leve nos olhos de quem amo e cujos olhos são tristonhos, que nem o mar cinza. E a praia. /As praias desertas.../ Vejo uma enorme praia, uma praia cinzenta com um mar igualmente cinza e um vento que traz uma multidão de gotinhas e elas parecem assim todas juntas um véu de noiva triste e caem suavemente que nem flocos de uma neve impossível e existe uma cabana aí nesta praia e há uma mulher nesta praia. Ela está só, está deitada na areia, está tomando a chavinha, as gotinhas flocos caem nela e os cabelos desta mulher são lindos e tristes que nem a areia ou o céu ou o mar. E eu vim de longe, saí do castelo do rei, deixei cavaleiros e rei e Maisa e nem sou eu mesmo, sou outro. Sou um qualquer de blue-jeans,

mas é mentira! Eu não me esqueço! Eu sou eu! Os outros podem mudar de nome, vida, eu não! Só às vezes. E ainda assim com dificuldade. E Maisa saiu com o seu carro por aí e encontrou São Jorge e depois os dois sumiram e um homem e uma mulher qualquer surgiram dos dois. E eu, eu também a despeito de tudo estou mudando de menestrel para sujeito qualquer de blue-jeans. E pronto! Sou um sujeito qualquer! E aproximo-me da mulher. E com ela falo: — “Como vai?” Ela diz: — “Vou indo... e você como vai? Poeta bobo, um pouco bonito e triste e covarde. Eu sou uma vampira...” E eu olhava para ela e a garoa me abençoava e também a ela e eu estava sonolento. Fiquei sonolento de repente. E ela olhava para mim. E parecia existir um milhão de gotas estranhamente coloridas lá ao longe na linha do horizonte, lá no fim do mar enevoado. E quando fui beijá-la ela sumiu. E eu fiquei só na praia. Mas a cabana continuou a existir e eu entrei na cabana. E lá dentro havia outra mulher. E fui beijá-la e ela também sumiu. E eu fiquei de novo só. Mas a cabana existia. Ah! E saí da cabana e entrei no mar e tomei banho em água salgada e cinza e com chuvinha caindo e isto era gostoso! E depois saí e a cabana estava ainda ali. E foi quando apareceu um avião cor de laranja e que era de um motor só e que começou a descer e pousou na praia. Suas rodas se enterraram na areia. E chovia em cima do avião e quem o pilotava era alguém. Este alguém era o Arthur. E o Arthur disse para mim: — “Olá!” E eu respondi com um aceno. E me aproximei do avião. E disse para o Arthur: — “Para onde você vai?” E ele riu e fez um gesto com a mão e disse murmurando: — “Por aí, talvez para Cuba, pousei para te ver. Você não quer subir no avião?” E sorria estranhamente. E eu quis subir no avião, quis subir porque na hora em que pisei na asa para subir o avião sumiu. E só a cabana ficou. E o Arthur sumiu. E só a cabana ficou. Ah! Estou só! Desistência querida! E então me deitei na areia e dormi. Adormeci. E quando acordei virei novamente menestrel e voltei para o castelo do rei e escrevi isto aqui. E li para o rei que muito bocejou e para os cavaleiros que estavam imóveis como quase sempre.

E depois de ler isto que escrevi fiquei em silêncio e o rei falou: — “Este sono é que me perturba. Você não quer dormir também menestrel?” E todos nós adormecemos. Rei, cavaleiros e eu menestrel novamente.

E depois de dormir eu acordei e acordei o rei (os cavaleiros ainda dormiam) e eu disse para eles: — “Vou andar por aí.” E o rei: — “Vai com

Deus.” E fechou os olhos e readormeceu imedia-tamente.

Quando eu ia saindo encontrei entrando no castelo o pescador Arthur que havia pescado quatro peixes e comido três e que adormecera mas que acordara e trazia o quarto peixe não comido para presentear o rei com ele. E eu disse: — “Pescador, não vá acordar sua majestade. Dê-me o peixe que eu o dou ao rei”. E o pescador Arthur ou São Pedro disse: — “Sim, aqui está o peixe senhor menestrel.” E foi embora. Sumiu na mata, foi para a sua cabana certamente dormir de novo nessa tarde de chuva. E eu fiquei a sós com o peixe e mesmo cru eu o comi. Comi o quarto peixe não comido pelo pescador e presente para o rei. O rei estava dormindo. E depois de comer o peixe comecei a andar. Caminhava eu pela estrada. Chovia. Sem chuva não vai. E eu estava um pouco feliz na minha sonolência. Vento! Desistência, vadiagem, tédio. Etc. Cansaço. Peixe gostoso! E eu andei e andei. Quando ouvi um ronco em cima de mim. Era um avião! Era aquele mesmo avião cor laranja lá na praia que sumiu quando eu quis nele montar! E quem o guiava era o Arthur! E o avião aterrisou na estrada à minha frente e desta vez sem falar nada fui subindo no avião e consegui! O avião não sumiu! E o avião levantou vôo agora comigo lá dentro. Eu feliz disse para o piloto que era o Arthur: — “Você tem o mesmo nome de um pescador que eu conheço.” E o piloto Arthur disse: — “É. O pescador também sou eu, em outra versão naturalmente. Gostou do peixe?” E eu encabulado antes de mais nada e depois muito espantado disse: — “Sim.. . sim...” E não falei mais nada durante muito tempo. O piloto acho que sorria, não dava para ver, ele estava na minha frente, mas eu adivinhava. E lá embaixo de repente vi um montão de fogueiras. Eu disse: “Fogo!” E o piloto: — “Sim, bombas incendiárias. Guerra.” — “Estamos em Cuba?” Perguntei. — “Não.” Disse Arthur: — “Em qualquer lugar, em qualquer lugar tem guerra.” E houve silêncio de vozes e só ruído de motor de avião cor laranja. E eu pensei: “Acho que eu estou escrevendo a nova divina comédia”. E não pensei mais nisso.

E o rei Aguilar dormia e ele era um rei puro, o Aliosha desta nova idade média feito rei. Durma, Aguilar... E os cavaleiros estavam imóveis como sempre e dormindo. Eu, voava com o Arthur. E de repente Arthur disse quase que gritando: — “Vai nascer! Vai surgir um novo alguém!” E eu pressenti algo, alguém mesmo que viria, e o avião voava agora sobre as nuvens cinzas e havia um sol e um céu azul tão azul que parecia o céu de

minha infância e de minha adolescência, em alguns dias de minha adolescência. E depois o avião começou a descer e entrou na chuva e desceu mais e pousou na terra molhada e cinzenta e eu desci do avião não sei por que desci. Vi que estava perto do castelo do rei e disse: — “Mas Arthur nós ficamos dando voltas?...” E não vi mais Arthur nem avião cor laranja. E chovia e tudo estava cinza e triste. E acho que o avião se não se evaporou que nem da primeira vez ele deve ter levantado vôo e deve estar lá no céu azul e perto do sol acima das nuvens cinzas da chuva minha querida tristeza. E de qualquer jeito eu acho que Arthur está perto do sol no céu azul feliz e azul que nem a infância e acima das nuvens cinzentas da tristeza. E eu tristonho fui me encaminhando para o castelo do rei pisando a lama da estrada e cabisbaixo.

E assobieei e cantei uma música do Noel Rosa: Positivismo. E chovia e de repente aparece um automóvel no qual está Petrus. E Petrus para o carro e grita para mim: — “Ei! Sou eu o Petrus!” E ria e ria. E eu também ri. E ele continuou: — “Eu já dormi bastante e não há nada que fazer nesta terra!” E eu concordei. E ele disse: — “Entra no carro, vem!” E eu entrei e nós fomos por aí em alta velocidade para qualquer lugar. E chovia desmesuradamente, Deus chorava e suas barbas estavam molhadíssimas, deviam estar. Tudo é tão perto! O castelo do rei, o mar, a estrada, a floresta! Por isto que eu perguntara ao Arthur se ficamos dando voltas de avião. É que eu na minha ilusão esperava ter chegado numa outra terra, numa outra coisa, em algo diferente, em algo não daqui, ah! sonhos vãos e doentios de escapatória... E Petrus corria em seu carro e chegamos numa casa meio destruída e de pedras em cima da serra e lá embaixo se adivinhava o mar. E descemos do carro e entramos na casa. E lá havia uma mulher loira que lia algo. Ela estava deitada e lia algo. Eu perguntei: — “Senhorita o que lê?” E ela respondeu sem levantar os olhos numa voz rouca, e só agora eu reparei, ela tinha ao seu lado um copo com um líquido verde lá dentro, ela disse: — “Um livro existencialista qualquer...” E eu pensei, pensei quase em voz alta: “Do Sartre? Albert Camus? Simone? Heidegger? Eu?” E ela parece que adivinhou o meu pensamento pois eu pensara quase em voz alta e disse: — “É do Mautner, é o ‘moço da motocicleta.’ Livro bom, sem dúvida. Bárbaro”. E ela disse: — “Ah! Se eu conhecesse o autor!” — “Sou eu gargalhei e disse contentíssimo pois a loira era bárbara: — “Sou eu! Sou eu!” E ela me olhou de alto a baixo e disse com

voz mais rouca ainda, a voz mais rouca que eu ouvi daquela loira: — “É nada, você não é o grande Mautner! Mautner todos sabem já morreu.” E eu fiquei estupefato e comecei a tremer, a tremer e será que eu morri? Racionalismo! Racionalismo! Salvai-me! E eu saí correndo e quase gritando com a garganta seca. E eu fui para a rua e corria que nem louco. Depois me lembrei de Petrus e de seu carro, por que eu o abandonara de modo tão brusco e idiota? Falta de educação! Então eu voltei para trás, fui até a casa de pedras e meio quebrada e antes de entrar nela vi pela janela duas criaturas abraçadas se beijando. Era a loira e o Petrus. Eles se grudavam e lentamente suas mãos se moviam e seus corpos se uniam numa dança estranha e linda! Eu olhei bem aquela cena e comecei a correr de novo, a correr a correr com a garganta seca e corri até o castelo do rei e lá dormi e tinha lágrimas nos olhos, isto eu juro que eu tinha, e lágrimas nos olhos, lágrimas nos olhos.

E pelas pradarias um cavalo correu. E Maisa estava numa igreja rezando para São Jorge e São Jorge estava em qualquer lugar montado em seu cavalo dourado e com sua lança a cavalgar novamente à procura de sua missão. E Maisa saiu da igreja, ficou lá só um pouquinho e andou pela estrada que ficava em frente da igreja. E algumas pessoas bem vestidas iam para a igreja. E Maisa olhava uma flor que existia num canteiro. E ao longe muito longe se via o castelo do rei que domina toda e qualquer paisagem. E no castelo o rei que dormia acordou e ao acordar gritou: — “Comida! Servos! Tragam comida!” E surgiram alguns servos cada qual trazendo uma espécie de comida, um trazia a carne num prato de prata, outro verduras, outro a água, outro o vinho, e assim por diante. E depois se retiraram. Largaram todas as espécies de comida no chão. E o rei levantou-se do trono e comeu no chão. E o rei deu um berro de novo: — “Ei! Cavaleiros! Minha guarda! Camaradas! Acordem! Hora da refeição!” E os cavaleiros acordaram um a um e lentamente saíram de suas posições e agacharam-se e puseram-se a comer do chão que nem o rei. Eu dormia no castelo do rei mas não na sala onde estavam os cavaleiros e o rei. Eu dormia num quarto qualquer deste enorme castelo. E Maisa olhava a flor e estava lírica. Depois de comerem os cavaleiros e o rei voltaram a seus lugares e ficaram sonolentos de novo e logo após adormeceram. Eu dormia num quarto qualquer. Maisa olhava a flor, tanto a olhou que não resistiu e colheu a flor. Foi quando Maisa ouviu alguém gritar: — “Com

que ordem a senhorita pegou esta flor?” E Maisa voltou-se e viu um rapaz loiro, lindo, devia ter ... anos, e era bem vestido, vestia-se, com camisa prateada e calça dourada, sapatos de camurça, meias roxas e tinha olhos verdes. Maisa estava sem fala, estava apaixonada! E trêmula segurando a flor recém-arrancada disse para o rapaz loiro e lindo: — “Mas eu... eu não sabia que não podia arrancar... eu...” — “Qual é teu nome senhorita?” Perguntou rispidamente o rapaz loiro, e Maisa apaixonada respondeu: — “Sou Maisa, aquela que senta aos pés do rei e é amiga dele e do menestrel e dos cavaleiros e é cantora sofredora.” Aí aconteceu algo de extraordinário na cara do rapaz loiro e lindo, ele ficou sorridente, radiante, feliz, ele disse: — “Queira desculpar Maisa, queira desculpar mas é que eu não sabia que era você... meu pai é um dos cavaleiros do rei, você deve conhecê-lo, eu pensava que você fosse uma plebéia qualquer que arrancasse uma flor real, nobre, não-plebéia. Ah! Maisa! Deusa de uma mitologia louca aceite minhas desculpas!” E ajoelhou-se na frente de Maisa e beijou os pés da minha deusa. E continuou a falar: — “Desculpe ó sublime deusa, eu pensei que você fosse uma plebéia...” E foi quando apareceu um sujeito esfarrapado que era o Arthur o pescador-camponês dos peixes comidos e o quarto dado para o menestrel, endereçado ao rei e comido pelo próprio menestrel. E o Arthur esfarrapado aproximou-se da Maisa e do rapaz lindo ajoelhado e disse: — “Eu sou plebeu e me orgulho!...” Aí o jovem loiro e lindo ajoelhado levantou-se e gritou: — “O último comunista já morreu! Você quer morrer também seu pescador sujo? Por que você acha que há tanta pouca gente no mundo agora? É porque matamos todos os comunistas e socialistas com bombas atômicas! Você quer morrer também hem? Seu gérmen de comunista!” E aí Arthur baixou os olhos e falou baixinho e com voz trêmula: — “Eu peço perdão a tão nobre senhor e tão nobre senhorita, mas digo que vai nascer algo, algo muito diferente de tudo que nasceu e veio até agora. Bem, minto um pouco, ele será parecido e igual a algo que nasceu há dois mil anos.” E dito isto foi embora. E Maisa ficou lá com a flor na mão e o rapaz loiro sorria para Maisa mas de repente Maisa virou-se e começou a correr, a correr em direção para o castelo do rei e o rapaz loiro ficou lá parado em frente à igreja estupefacto e um pouco desapontado.

E eu dormia, e o rei e os cavaleiros. E Maisa chegou no castelo e entrou na sala onde estavam os cavaleiros e o rei e suspirando forte por causa

da corrida falou: — “Rei! Rei! Cavaleiros! Parece que...” E desmaiou de cansaço ou sono e dormiu também que nem o rei os cavaleiros e eu num outro quarto.

Sim, o último comuna morreu mas vai nascer um novo JESUS. Um novo messias que vai consertar tudo, vai estabelecer todas estas coisas da bondade e do amor e da paz em novas bases em novas esperanças. Com fé e ardor. Este messias é que fará o verdadeiro comunismo. Por enquanto que ele não surge sou socialista perdido na idade média nova que pede, exige um novo messias. Um novo salvador! O mesmo Jesus descerá para a terra. E em qualquer lugar surgirá um sujeito barbudo, ou uma criança ou um louco ou pode ser até uma mulher! Sim, o novo messias pode ser uma mulher, uma mulher de tanto amor e beleza e bondade que todos se sentirão atraídos por esta feminilidade louca. Ah! Será uma mulher nos moldes de uma mulher exigida pelo Vinícius só que com um pouco mais de tristeza e chuva nos olhos como eu quero. E pode ser tanta coisa! Mas vai ser um ser humano e não um símbolo ou uma bandeira ou idéias num papel, não! Nem tudo isto junto, será só a pessoa, homem barbudo, ou criança, ou mulher louca e bárbara! Maná da natureza! Será carne e sangue e coração e nervos e amor, e não idéias, dogmas, leis, bandeira e partido. Será ser humano. Ah! Se for mulher! Eu me lançaria aos leões por este novo cristianismo! Mulher! Salvadora! Salvadora da vida, da natureza, da morte a enganadora, doce, chocolate, razão da vida, corrente de água pura, corrente de água de chuva, cachoeira, terra boa, folha molhada, ave pomba branca, véu de amor, carícia, esperança, fascínio! Seios, coxas, esperança! Boca! Lábios! Cabelos que nem o vento, olhos de chuva e tristeza e pele também. Palavras poesia em boca de mulher! Qualquer palavra vira poesia na boca dela que é a coisa mais bonita da criação como diz meu papai Vinícius. E viva a rebeldia! Um Siegfried também há de surgir e vai se tornar bonzinho este Siegfried quando vir esta mulher e vai obedecê-la e vai tornar-se seu homem e seu amor. Ah! Mulher vais dominar o mundo e a natureza te pertence! Vento, tempestade, nuvens roxas... E eu não posso descrever a chegada desta messias louca e bárbara porque ela ainda não veio mas eu a espero e nós a esperamos ardentemente com a esperança pulando que nem pássaro engaiolado dentro do coração. E se esta mulher vier, mulher última esperança da natureza, da vida, de você virá a bondade, a compreensão, os homens são egoís-

tas, veja eu, o menestrel, escrevi muitas páginas inúteis e disse algumas coisinhas de concreto sim, mas o principal que eu disse é que você virá, você ó mulher! MANÁ! Você que é o sul, a força a esperança e a bondade mais bondade pois é mãe e amante e filha e irmã. E primeira namorada! E você é tudo, é tudo, é tudo! E de você virá a nova esperança. Eu creio, e eu espero! E todos os que nem eu! E mulher, você não vai precisar fazer milagres que nem o meu primo que teve que andar em cima do mar ou curar aleijados mas para eu crer em ti basta você ter muito amor, ser mulher!

E o rei dormia e eu e os cavaleiros e a Maisa. E Maisa pode ser esta mulher? Quem sabe? Mas acho que não, Maisa será uma de suas apóstolas, a mulher surgirá que nem um samba e um buquê de flores... vindas do mar com a benção de Yemanjá.

E eu sou socialista neste mundo louco e reduzido da nova idade média. E sou a favor da paz e reconheço em muita gente o desejo de paz. Viva a paz! E Maisa sonhou sonho qualquer. E das brumas de alguma nuvem negra surgiu um herói loiro e parecido comigo, nariz, boca e tudo. E este herói queria emoção e a chuva caía que nem louca sobre ele e ele era filho da dissonância e da chuva (tristeza). E veio e olhou com olhos de herói para o mundo e decidido pisou a terra boa e mulher. E seus lábios queriam um pouco de sangue.

E seu nome era Siegfried. E Siegfried caminhou pela estrada e estava de blue-jeans e cabelos compridos e chovia. E ele pela estrada andava. Foi quando viu ao longe o castelo do rei e para lá ficou olhando. Quando apareceu o carro do Petrus com o Petrus lá dentro e a loira que lia livro de Mautner. E o carro parou e a loira disse: — “Quem é?” E Petrus não sabia e perguntou para Siegfried: — “Quem é você, hem?” E Siegfried disse: — “Siegfried.” E dito isto Siegfried entrou no carro do Petrus e disse: — “Leve-me um trecho de carona.” E o carro arrancou com Siegfried lá dentro de carona um trecho.

E até um trecho da estrada fui. E desci onde o sol brilhava e havia um céu azul e agradeci e fiquei só na estrada e o carro com Petrus e a loira sumiu. E fiquei lá em pé. E surgiu um outro carro, mas mais feio e este também parou ao me ver como o fizera Petrus e desceu deste um sujeito de blue-jeans e sujo. E eu perguntei: — “Americano do norte?” — “Sim.” Disse ele. E eu ri. Então um ianque! E seu nome decerto era... John. E perguntei: — “Teu nome?” E ele disse: — “John, mas também pode ser Dean ou Buch,

ou então me chame de sujeito sujo de blue-jeans.” E eu disse: — “OK. vamos dar uma volta no teu carro?” E entramos no carro dele e demos uma volta e voltamos ao mesmo lugar onde o sol brilhava e o céu era azul. E saímos do carro e ficamos falando.

“A verdade meu amor mora num poço
é Pilatus lá na Bíblia quem nos diz
e também faleceu por ter pescoço
o autor da guilhotina de Paris”

(Samba: Positivismo, Noel Rosa e Orestes Barbosa)

Parece que uma tempestade paira sobre o mundo. Ou será que já não parece mais? E aquele sujeito sujo e de blue-jeans disse olhando para o sol que morria lá naquelas montanhas azuis que nem cubos de gelo azul: — “Jorge Jorge meu velho Jorge, você não vê que a noite está sempre por perto mas que uma flor sempre nasce em cima do túmulo? Veja o céu da minha querida América, da minha linda e querida América que eu percorro com o meu automóvel louco por velocidade e emoção que me es quente as veias e que me faça chorar que nem uma criança. Jorge Jorge você pensa demais”. Assim falou aquele sujeito de blue-jeans e sujo para num. E continuou: — “Você escreve tanto. Tanto você escreve por que você não vive mais?” E aí eu me senti irritado. Eu falei: — “Você não passa de um americano do norte muito vagabundo, mas eu sou americano do sul e você não entende a minha poesia..” E aí ele riu, eu não sentia mais irritação e ouvi ele falar. Ele falou: — “Jorge Jorge meu bom Jorge você está sendo burro. Não me venha com besteiras. Você sabe muito bem quem eu sou e o que eu penso e o que eu faço. Por que eu vivo? Ora, você o sabe muito bem. Mas vamos falar de outra coisa. E nunca se esqueça que a poesia é da nossa América, da América do sul, central e do norte! Ouviu? E não seja mais idiota porque senão não te dou mais carona no meu carro. Veja que pássaro!” E realmente, depois de tão besta discussão ver um pássaro tão lindo era uma coisa bonita mesmo.

E eu Jorge-Siegfried não mais menestrel vi uma mulher e fiquei estupefacto. Lá ao longe perto daquele monte uma mulher, uma coisa louca e linda. A salvadora! E eu e aquele sujeito sujo de blue-jeans tínhamos desejo nos olhos. Ah! Salvadora! E o pássaro voava no céu sem que nós o olhássemos mais pois agora nós só olhávamos para a mulher ao longe. E

eu comecei a correr em direção a esta mulher. E o sujeito de blue-jeans e sujo não correu. Ficou olhando parado. Eu corri. E enquanto corria o céu tremia e a terra também e tudo parecia uma sinfonia bárbara. E a mulher era uma coisa cor de rosa. E eu uma coisa negra, uma força negra, quase má. O Juca Chaves cantava. O Agnaldo Rayol também e a Maisa levantou-se, não mais dormia e saiu do castelo do rei e tinha uma louca dor de cabeça. E encontrou no chão um imenso pano vermelho. E como ela começou a sentir frio ela se enrolou no pano e andou enrolada no pano vermelho. E eu caminhava em direção para aquela mulher com a terra tremendo e o céu. Sinfonia do caos e da harmonia! Eu o caos e ela a harmonia! Será que algum dia nós nos encontraremos? E Maisa caminha envolta em pano vermelho e de repente ela se cansa e senta no chão e adormece envolta no pano vermelho. E chove e as gotas caem eternas em cima do pano vermelho que envolve Maisa adormecida novamente e eu e a terra e a aurora, a harmonia, a mulher salvadora! Ela está longe, não dá para ver a sua cara. Eu me encaminho para ela mas o caminho é longo. A terra treme e o céu também, sou do caos e ela é da harmonia e da paz e da bondade. Se eu me unir a ela vai existir um tempo de bondade e paz mas e depois? Depois tudo recomeçará, tornar-me-ei maligno e caótico de novo e ela há de me procurar para pacificar. Ah! Vida complicação que não consigo explicar nem sequer descrever! Agora. Que coisa! E o céu tremia e as nuvens se agitavam que nem loucas e a harmonia estava lá e eu ia ao encontro dela e ela estava lá, a cor de rosa, o maná, a salvadora, a messias! Ah! E a chuva caía e molhava tudo. E tudo ficou cinza e estava até difícil andar por causa de tanta chuva. Água! Aos cântaros e as folhas e os vegetais brilhavam por causa de tanta umidade. E a terra tremia e parece que havia uma praia aos pés da mulher lá ao longe e ao lado o monte. Um mar cinza se adivinhava atrás dela, chuva caindo reta e obliquamente em todos os sentidos e direções. E eu andando andando em direção a ela. Eu o Jorge-Siegfried não mais menestrel de um mundo de gente adormecida. E tremia a terra com suas flores e seus buquês e vegetais e grãos e lama e água correndo e escorrendo que nem se fossem veias e artérias da velha mãe terra. E o céu agitava suas nuvens roxas e cinzas e negras e amarelas talvez. E chovia que nem dilúvio. A harmonia e o caos querendo se encontrar! Ó vento das épocas, chuva louca que cai que nem louca! Chuva que é a tristeza dos olhos dela da minha amada da minha

salvadora da minha mulher e messias cor de rosa e maná e mãe e mulher e filha e amante sobretudo! E BACANTE! Cool-jazz! Siegfried Jorge eu, e ela a mulher! A paz, o amor, a gostosura! E o encontro se dará?

Tremem os céus e a terra...

E dorme o rei Aguilar e os cavaleiros e Maisa na chuva envolta no pano vermelho. E a mensagem foi esta. Continua o samba, as minhas composições continuam e a melodia escorre que nem a chuva na vidraça e na areia da praia. E o encontro terrível e casamento se dará? Tremem as flores da terra e as gotas do céu que depois se unem com a terra e as flores dela.

Tremem como se fossem sinos de catedrais góticas e bizantinas.

E tudo é roxo e cinza e amarelo quiçá e louco e sinfônico! Se dará o encontro? Eu me encaminho em meio à tempestade ao encontro dela, da minha esperança e da minha harmonia e aurora! Eu, a noite!

E acabo aqui ouvindo Chet Baker cantando “Look for the silver lining” e chove. E é manhã cinza chove chuva garoa. E se dará o encontro? E acaba aqui o livro e continua em outro ou numa canção como já sabem. Chuva! Chuva! Chuva!